

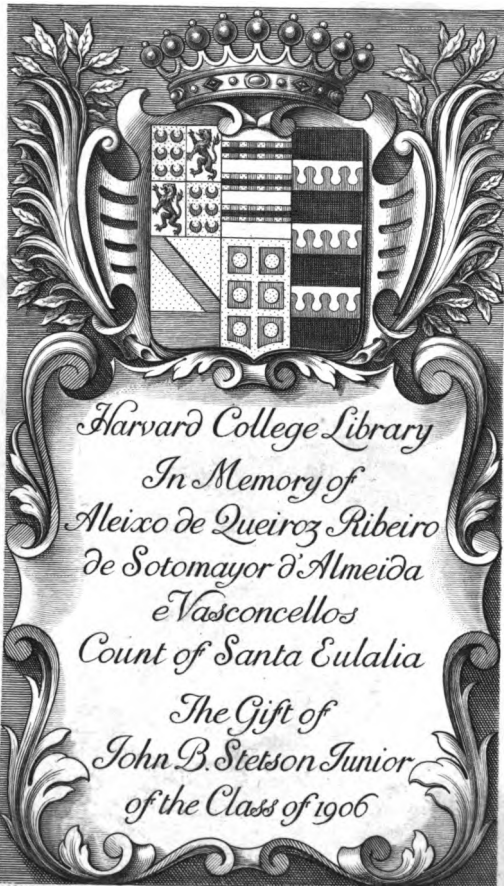
Port  
617  
4

WIDENER



HN ZKNK 9

Ferreira Junior,  
Vende, e Encaderna,  
á Praça — Vizeu.



# ODES MODERNAS

POR

ANTHERO DO QUENTAL



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1865

Port 6176.4

HARVARD COLLEGE LIBRARY  
COUNT OF SANTA EULALIA  
COLLECTION  
GIFT OF  
JOHN B. STETSON, JR.  
AUG 14 1924

## A GERMANO VIEIRA MEYRELLES

*Meu amigo*

Escrevo o teu nome na primeira pagina d'este livro, como no socco da estatua da Venus antiga gravou o esculptor, enlaçados, o seu nome com o da formosura extranha que lhe servira de modelo.

É mais ainda que um desafogo do coração — é um dever de probidade.

A mão, que escreveu este livro, copiou apenas. Mas a Ideia, que o inspirou, essa saiu-nos, como dois metaes fundidos para o mesmo molde, unica, espontanea de ambas as almas. Rebentou-nos de ambas as vontades com a mesma força de uma igual aspiração. Meditaram-na em commum duas intelligências unidas numa só crença, como de duas

raizes sae o mesmo tronco, de duas ondas, junctando-se, uma só espuma e uma unica voz.

É o fructo de um mesmo Ideal. E onde ha ahi mão que possa, abrindo ao meio estes versos, arrancar-lhes das entranhas, partidas cada qual, a parte que é minha e a tua parte?

São inseparaveis: como se não pode desprender a luz da côr, a forma da essencia, o pensamento da consciencia.

É *nosso* este livro. A mão do copista que mais vale? Se são estas paginas fragmentos do grande e bello poema da nossa commum mocidade? da epopeia, que nos sonharam — unidas — as almas? do *mundo*, que as intelligencias — junctas — nos pesaram, em tantos dias de estudo, de esperança ou de tristeza; em tantas noites de meditação, de desalento ou de enthusiasmo?

Deixa pois que escreva aqui o teu nome, enlçado com o meu, perante os homens, como um protesto solemne de fraternidade.

No meio das luctas e das tristezas, a que este livro de *crença* me pode porventura atirar a vida, seja-me o teu nome consolação e alegria, como já é força, gloria e exemplo — mais que tudo.

# PARTE PRIMEIRA

L'Idée... c'est Dieu!

HEGEL



## **Á Historia**

### I

Mas o Homem, se é certo que o conduz,  
Por entre as cerrações do seu destino,  
Alguma mão feita d'amor e luz  
Lá para as bandas d'um porvir divino...  
Se, desde Prometheu até Jesus,  
O fazem ir — extranho peregrino,  
O Homem, tentando a grossa treva,  
Vae... mas ignora sempre quem o leva!

Elle não sabe o nome de seus Fados,  
Nem vê de frente a face do seu guia.  
Onde o levam os Deoses indignados?...  
Isto só lhe escurece a luz do dia!  
Por isso verga ao peso dos cuidados;  
Duvída e cae, luctando em agonia:  
E, se lhe é dado que suplique e adore,  
Tambem é justo que blaspheme e chore!

Já que vamos, é bom saber aonde...  
 O grão de pó, que o Simaum levanta,  
 E leva pelo ar e envolve e esconde,  
 Também, no turbilhão, se agita e espanta,  
 Também pergunta aonde vae e donde  
 O traz a tempestade que o quebranta...  
 E o homem, bago d'agua pequenino,  
 Também tem voz na onda do destino!

Porque os sec'los, rolando, nos lançaram  
 Sobre a praia dos tempos, esquecidos,  
 E, naufragos d'uma hora, nos deixaram  
 Postos ao ar, sem tecto e sem vestidos.  
 Estamos. Mas que ventos nos deitaram  
 E com que fim, aqui, meio partidos,  
 Se um Acaso, se Lei nos céos escripta...  
 Eis o que a mente humana em vão agita!

Ó areias da praia, ó rochas duras, -  
 Que também prisioneiras aqui estaes!  
 Entendeis vós acaso estas escuras  
 Razões da sorte, surda a nossos ais?  
 Sabe-las tu, ó mar, que te torturas  
 No teu carcere immenso? e, aguas, que andaes  
 Em volta aos sorvedouros que vos somem,  
 Sabeis vós o que faz aqui o homem?

Fronte que banha a luz — e olhar que fita  
 Quanta belleza a immensidão rodeia!  
 Da geração dos seres infinita  
 Mais pura forma e mais perfeita ideia!  
 No vasto seio um mundo se lhe agita...  
 E um sol, um firmamento se incendeia  
 Quando, ao clarão da alma, em movimento  
 Volve os astros do céu do pensamento!

E, emtanto, ó largo mundo, que domina  
 Seu espirito immenso! elle é mesquinho  
 Mais que a ave desvalida e pequenina,  
 A que o vento partiu o estreito ninho!  
 Quanto mais vê da esphera crystallina  
 Mais deseja, mais sente o agudo espinho...  
 E o circulo de luz da alma pura  
 É um carcere, apenas, de tortura!

Um sonho gigantesco de belleza  
 E uma ancia de ventura o faz na vida  
 Caminhar, como um ebrio, na incerteza  
 Do destino e da Terra-promettida...  
 Sorri-lhe o céu, de cima, e a natureza  
 Em volta é como amante appetecida —  
 Elle porem, sombrio entre os abrolhos,  
 Segue os passos do sonho... e fecha os olhos!

Fecha os olhos... que os passos da visão  
 Não deixam mais vestígios do que o vento!  
 Tu, que vaes, se te soffre o coração  
 Virar-te para trás... pára um momento...  
 Dos desejos, das vidas, nesse chão  
 Que resta? que espantoso monumento?  
 Um punhado de cinzas — toda a gloria  
 Do sonho humano que se chama Historia —

## II

Oh! a Historia! A Penelope sombria,  
 Que leva as noites desmanchando a teia  
 Que suas mãos urdiram todo o dia!  
 O alchimista fatal, que toma a Ideia,  
 E, nas combinações da atroz magia,  
 Só extrae PÓ! A funebre Medêa  
 Que das flores melhores do coração  
 Compõe seu negro filtro — a confusão!

Eis do trabalho secular das raças,  
 Das dores, dos combates, das confianças,  
 Quanto resta a final... cinzas escassas!  
 O tédio sobre o céo das esperanças  
 Suas nuvens soprou! E odios, desgraças,  
 Desesperos, miserias e vinganças,  
 Eis a bella seara d'ouro erguida  
 Do chão, onde illusões semeia a vida!

Os cultos com fragor rolam partidos;  
 E em seu altar os deoses cambaleiam;  
 E dos heroes os ossos esquecidos  
 Nem um palmo, sequer, do chão se alteiam!  
 Os nossos Immutaveis eil-os idos  
 Como as chammas no monte, que se ateiam  
 Na urze secca e a arage' ergue um momento,  
 E uma hora após são cinza... e leva o vento!

Ó duração de sonhos! fortalezas  
 De fumo! rochas de illusão a rodos!  
 Que é dos sanctos, dos altos, das grandezas,  
 Que inda ha tres sec'los adorámos todos?  
 As verdades, as biblias, as certezas?  
 Limites, formas, consagrados modos?  
 O que temos de eterno e sem enganós,  
 Deos — não pode durar mais que alguns annos!

Thronos, religiões, imperios, usos...  
 Oh que nuvens de pó alevantadas!  
 Castellos de nevoeiro tão confusos!  
 Ondas umas sobre outras conglobadas!  
 Que longes que não têm estes abusos  
 Da forma! Troias em papel pintadas!  
 Babylonias de nevoa, que uma aragem,  
 Roçando, abala e lança na voragem!

Sobre alicerces d'ar as sociedades  
 Como sobre uma rocha têm assento...  
 E os cultos e as crenças e as verdades  
 Alli crescem, lá têm seu fundamento...  
 Ó grandes torreões, templos, cidades,  
 Babeis de orgulho e força... sobre o vento  
 Sobre os pés do gigante que se eleva...  
 E era d'ar essa base... e o vento a leva!

E o vento a dispersou! Elle é seguro  
 O *Forte da illusão*... mas se a primeira  
 Rajada o céu mandou, pedras do muro,  
 Não rolam mais que vós os grãos na eira!  
 Vé-se então a alma humana, pelo escuro,  
 No turbilhão que arrasta essa poeira  
 Ruir tambem, desfeita e em pó tornada,  
 Té que se esvae... té que a sumiu o nada!

## III

E isto no meio do infinito espaço!  
Dos soes! dos mundos! sala de fulgores!  
Isto no chão da vida... e a cada passo  
Rebentam sob os pés cantos e flores!  
Quando abre a Natureza o seu regaço,  
E o seio da Mulher os seus amores!  
E tem beijos a noite... e o dia festas...  
E o mar suspira... e cantam as florestas...

Por cima o céu que ri... e em baixo o pranto...  
Harmonias em volta... e dentro a guerra...  
Dentro do peito humano o templo sancto,  
O vivo altar onde commungue a terra!  
Vêde! habita no altar o horror e o espanto,  
E a Arca-de-amor só podridão encerra!  
Que espantosa illusão, que desatino,  
Ó luz do céu! é pois este destino?

Os montes não intendem estas cousas!  
 Estão, de longe, a olhar nossas cidades,  
 Pasmados com as luctas furiosas  
 Que os turbilhões, chamados sociedades,  
 Lhes revolvem aos pés! Vertiginosas  
 No mar humano as ondas das edades  
 Passam, rolam bramindo — elles, emtanto,  
 Com o vento erguem ao céo sereno canto!

Ás vezes, através das cordilheiras,  
 Com ruido de gelos despregados,  
 Um exercito passa, e as derradeiras  
 Notas da guerra echoam nos vallados...  
 Então ha novas vozes nas pedreiras,  
 E a bocca dos vulcões mal apagados,  
 De monte em monte, em echos vagarosos,  
 Perguntam — onde vão estes furiosos? —

Sim, monte! onde vamos? onde vamos,  
 Que a Creação, em volta a nós pasmada,  
 Emmudece de espanto, se passamos  
 Em novellos de pó sobre essa estrada?...  
 As aguias do rochedo, e a flor, e os ramos,  
 E a noite escura, e as luzes da alvorada,  
 Perguntam que destinos nos consomem...  
 E os astros dizem — onde vae o Homem? —



Porque o mundo, tão grande, é um infante  
 Que adormece entre cantos noite e dia,  
 Embalado no ether radiante  
 Todo em sonhos de paz e de harmonia!  
 O forte Mar (e mais é um gigante)  
 Também tem paz e córos de alegria...  
 E o céo, com ser immenso, é serenado  
 Como um seio de heroe, vasto e pausado.

Quanto de grande ha hi dorme e socega:  
 Tudo tem sua lei onde adormece:  
 Tudo, que pode olhar, os olhos prega  
 N'algun Iris d'amor que lhe alvorece...  
 Só nós, só nós, a raça triste e cega,  
 Que a tres palmos do chão nem apparece,  
 Só nós somos delirio e confusão,  
 Só nós temos por nome *turbilhão!*

Turbilhão — de Desejos insoffridos,  
 Que o sopro do impossivel precipita!  
 Turbilhão — de Ideaes, lumes erguidos  
 Em fragil lenho que onda eterna agita!  
 Turbilhão — de Nações, heroes feridos  
 Em tragedia enredada e infinita!  
 Tropel de Reis sem fé, que se espedaça!  
 Tropel de Deoses vãos, que o nada abraça!

Ha nisto quanto baste para morte...  
 Para fechar seus olhos sobre a vida  
 Eternamente, abandonando á sorte  
 A palma da victoria dolorida!  
 Ha quanto baste por que já se corte  
 A amarra do destino, emfim partida  
 Com um grito de dor, que leve o vento  
 Onde quizer — *a morte e o esquecimento!*

## IV

Mas que alma é a tua então, homem, se ainda  
 Podes dormir o sonho da esperança,  
 Emquanto a mão da crueldade infinda  
 Teu leito te sacode e te balança?  
 Que fada amiga, que visão tão linda  
 Te enlaça e prende co'a doirada trança  
 Que não ouves, não vês o negro bando  
 Dos lobos em redor de ti huivando?

E persistes na vida... e a vida ingrata  
 Foge a teus braços tremulos de amante!  
 E abençoa a Deos... Deos que te mata  
 Tua esp'rança, teu crer, a cada instante!  
 Que thesouro de fé (que ouro nem prata  
 Não podem egualar, nem diamante)  
 É teu peito, que doura as negras lousas...  
 É crês no céo... e amal-o ainda ousas?

Passam ás vezes umas luzes vagas  
 No meio d'esta noite tenebrosa...  
 Na longa praia, entre o rugir das vagas  
 Escuta-se uma voz harmoniosa...  
 A alma inclina-se, então, por sobre as fragas  
 Para ouvir essa nota duvidosa...  
 Se é d'um mundo melhor a prophacia,  
 Ou apenas correr da maresia...

Sahe do cadinho horrivel das torturas,  
 Onde se estorce e lucta a alma humana,  
 Uma voz que atravessa essas alturas  
 Com vôo d'aguia e força soberana!  
 O que ha de ser? qual verbo d'amarguras?  
 Qual blasphemia a essa sorte deshumana?  
 Qual grito d'odio e sêde de vingança?  
 Uma benção a Deos! uma esperança!

Do meio dos tormentos sahe a esperança...  
 Dos corações partidos nasce um lyrio...  
 Ó victoria do Amor, da confiança  
 Sôbre a Dor, que se estorce em seu delirio!...  
 A mente dô homem, essa, não se cansa  
 Sob o açoite, no cirêo, no martyrio...  
 E o escravo, sem pão, lar nem cidade,  
 Cré... sonha um culto, um Deos — a Liberdade!

Flor com sangue regada... e linda e pura!  
 Olho estalado... que adivinha a aurora!  
 Oh! mysterio do amor! que á formosura  
 Exceda muito o feio... quando chora!  
 Vêde, ó astros do ceu, o que a tortura  
 Expreme da alma triste, em cada hora...  
 O Ideal — que em peito escuro medra,  
 Bem como a flor do musgo sôbre a pedra!

Por que se soffre é que se espera... e tanto  
 Que as dores são os nossos diademas.  
 O olhar do homem que supplica é sancto  
 Mais que os lumes do ceu, divinas gemmas.  
 Desgraças o que são? o que é o pranto?  
 Se a flor da fé nas solidões extremas  
 Brotar, e a crença bafejar a vida...  
 É nossa, é nossa a Terra-promettida!

## V

Ó Ideal! se é certo o que nos dizem,  
Que é para ti que vamos 'neste escuro...  
Se os que luctam e choram e maldizem  
Hão de inda abençoar-te no futuro...  
Se ha de o mal renegar-se, e se desdizem  
Ainda os Fados seu tremendo auguro...  
E um dia havemos ver, cheiôs d'espanto,  
Deos descobrir-se d'este negro manto...

Se o destino impassivel ha de, uma hora,  
Descruzar os seus braços sôbre o mundo,  
E a sua mão abrir os veus da aurora  
Que, alfim, luza tambem no nosso fundo...  
Se ha de seccar seu pranto o olhar que chora  
E exultar inda o insecto mais immundo,  
Mostrando o ceu, á luz d'extranho dia,  
As constellações novas da Harmonia...

Ah! que se espera então? O sangue corre,  
 Corre em ribeiras sobre a terra dura...  
 Não ha já fonte, nesse chão, que jorre  
 Senão lagrimas, dor, e desventura...  
 O ultimo lyrio, a Fé, seccou-se... morre...  
 Se não é esta a hora da ventura,  
 Do resgate final dos padecentes,  
 Por que esperaes então, céos inclementes?

Sim! por que é que esperaes? Tem-se soffrido,  
 Temos soffrido muito, muito! e agora  
 Desceu o fel ao coração descrido,  
 Vem já bem perto nossa extrema hora...  
 Abale-se o universo commovido!  
 Deixe o céu radiar a nova aurora!  
 Que os peitos soltem o seu longo *emfim!*  
 E o olhar de Deos na terra escreva Fim!

Fim d'esta provação, fim do tormento,  
 Mas da verdade, mas do bem, *começo!*  
 Erga-se o homem, atirando ao vento  
 O antigo Mal com impavido arremesso!  
 Na nossa tenda tome Deos assento,  
 Mostre seus cofres, seus coraes de preço,  
 Que se veja a final quanto guardava  
 Para o resgate d'esta raça escrava!

Escrava? escrava que já parte os ferros!  
 Eu creio no destino das nações:  
 Não se fez para dor, para desterros,  
 Esta ancia que nos leva os corações!  
 Hão de ter fim um dia tantos erros!  
 E do ninho das velhas illusões  
 Ver-se-ha, com pasmo, erguer-se á immensidade  
 A aguia esplendida e augusta da Verdade!

## VI

Se um dia chegaremos, nós, sedentos,  
 A essa praia do eterno *mar-oceano*,  
 Onde lavem seu corpo os pustulentos  
 E farte a sêde, emfim, o peito humano?  
 Oh! diz-me o coração que estes tormentos  
 Chegarão a acabar: e o nosso engano,  
 Desfeito como nuvem que desanda,  
 Deixará ver o céu de banda a banda!

Felizes dos que choram! alguma hora  
Seus prantos seccarão sôbre seus rostos!  
Virá do ceu, em meio d'uma aurora,  
Uma aguia que lhes leve os seus desgostos!  
Ha de alegrar-se, então, o olhar que chora...  
E os pés de ferro dos tyrannos, postos  
Na terra, como torres, e firmados,  
Se verão, como palhas, levantados!

Os tyrannos sem conto — velhos cultos,  
Espectros que nos gelam com o abraço...  
E mais renascem quantô mais sepultos...  
E mais ardentes no maior cançasso...  
Visões d'antigos sonhos, cujos vultos  
Nos opprimem ainda o peito lasso...  
Da terra e ceu bandidos orgulhos,  
Os Reis sem fé e os Deoses enganosos!

O mal só d'elles vem — não vem do homem.  
Vem dos tristes enganos, e não vem  
Da alma, que elles invadem e consomem,  
Espedaçando-a pelo mundo alem!  
Mas que os desfaça o raio, mas que os tomem  
As auroras, um dia, e logo o Bem,  
Que encobria essa sombra movediça,  
Surgirá, como um astro de Justiça!



E, se cuidas que os vultos levantados  
 Pela illusão antiga, em desabando  
 Hão de deixar os ceus despovoados  
 E o mundo co'as ruínas vacillando;  
 Esforça! ergue teus olhos maguados!  
 Verás que o horisonte em se rasgando  
 É por que um ceu maior nos mostre — e é nosso  
 Esse ceu e esse espaço! é tudo nosso!

É nosso quanto ha bello! A Natureza,  
 Desde aonde atirou seu cacho a palma,  
 Té la onde escondidos na frieza  
 Vegeta o musgo e se concentra a alma.  
 Desde aonde se fecha da belleza  
 A abobada sem fim — té onde a calma  
 Eterna gera os mundos e as estrellas,  
 E em nós o Empireo das ideias bellas!

Templo de crenças e d'amores puros!  
 Communhão de verdade! onde não ha  
 Bonzo á porta a estremar *fieis e impuros*,  
 Uns para a *luz...* e os outros para *ca...*  
 Alli parecerão os mais escuros  
 Brilhantes como a face de Jehová,  
 Commungando no altar do coração  
 No mesmo amor de Pae e amor d'Irmão!

Amor d'Irmão! oh! este amor é doce  
 Como ambrosia e como um beijo casto!  
 Sorriso eterno, que chovido fosse...  
 Que o lyrio bebe em voluptuoso hausto!  
 Diluvio suave, que nos toma posse  
 Da vida e tudo, e que nos faz tão vasto  
 O coração minguado... que admira  
 Os sons que solta esta celeste lyra!

Só elle pode a ara sacrosancta  
 Erguer, e um templo eterno para todos...  
 Sim, um eterno templo e ara sancta,  
 Mas com mil cultos, mil diversos modos!  
 Mil são os fructos, e'é só uma a planta!  
 Um coração, e mil desejos doudos!  
 Mas dá logar a todos a Cidade,  
 Assente sobre a rocha da Egdaldade.

É d'esse amor que eu fallo! e d'elle espero  
 O doce orvalho com que vá surgindo  
 O triste lyrio, que este solo austero  
 Está entre urze e abrolhos encobriendo.  
 D'elle o resgate só será sincero...  
 D'elle! do Amor!... enquanto vaes abrindo,  
 Sobre o ninho onde choca a Unidade,  
 As tuas azas d'aguia, ó Liberdade!

## VIDA

---

### **A uns políticos**

Por que é que combateis? Dir-se-ha, ao ver-vos,  
Que o Universo acaba aonde chegam  
Os muros da cidade, e nem ha vida  
Além da orbita onde as vossas giram,  
E além do Forum já não ha mais mundo!

Tal é o vosso ardor! tão cegos tendes  
Os olhos de mirar a propria sombra,  
Que dir-se-ha, vendo a força, as energias  
Da vossa vida toda, accumuladas  
Sobre um só ponto, e a ancia, e ardente vórtice,  
Com que giraes em torno de vós mesmos,  
Que limitaes a terra á vossa sombra...  
Ou que a sombra vos toma a terra toda!

Dir-se-ha que o oceano immenso e fundo e eterno,  
 Que Deos ha dado aos homens, por que banhem  
 O corpo todo e nadem á vontade,  
 E voguem a sabor, com todo o rumo,  
 Com todo o norte e vento, vão e percam-se  
 De vista, no horisonte sem limites...  
 Dir-se-ha que o mar da vida é gota d'agoa  
 Escassa, que nas mãos vos ha cahido,  
 De avara nuvem que fugiu, largando-a;  
 Tamanho é o odio com que a uns e a outros  
 A disputaes, temendo que não chegue!

Homens! na vida ha para nós mais perigo  
 De se affogar, que de morrer á sêde!

De que val disputar o espaço estreito,  
 Que cobre a sombra da arvore da patria,  
 Quando são vossos cinco continentes?  
 De que val apinhar-se juncto á fonte  
 Que — fininha — brotou por entre as urzes,  
 Quando ha sete mil ondas por cada homem?  
 De que val digladiar por uma fita,  
 Que mal cobre um botão, quando estendida  
 Deus poz sobre a cabeça de seus filhos  
 A tenda, de ouro e azul, do firmamento?  
 De que val concentrar-se a vida toda

'Numa paixão apenas, quando o peito  
 É tão rico, que basta dar-lhe um toque  
 Por que brotem, aos mil, os sentimentos?!

Oh! a vida é um abysmo! mas fecundo!  
 Mas immenso! tem luz — e luz que cegue,  
 Inda a aguia de Pátmos — e tem sombras  
 E tem negrumes, como o antigo Cahos:  
 Tem harmonias, que parecem sonhos  
 De algum anjo dormido; e tem horrores  
 Que os nem sonha o delirio!

É immensa a vida,  
 Homens! não disputeis um raio escasso,  
 Que vem d'aquelle sol; a tenue nota,  
 Que vos chega d'aquellas harmonias;  
 A penumbra, que escapa áquellas sombras;  
 O tremor, que vos vem d'esses horrores.  
 Sol e sombras, horror e harmonias,  
 De quem é isto, se não é do homem?!  
 Não disputeis, curvado o corpo todo,  
 As migalhas da mesa do banquete:  
 Erguei-vos! e tomae logar á mesa.  
 Que ha logar no banquete para todos:  
 Que a vida não é at'mo subtilissimo,  
 Que um feliz apanhou, no ar, voando,

E guardou para si, e os outros, pobres,  
Desherdados, invejam — é o ar todo,  
Que respiramos; e esse, inda mais livre,  
Que nos respira a alma — a terra firme,  
Onde pomos os pés, e o céu variavel,  
Aonde erguemos os olhos — é o immenso,  
Que se infiltra do atomo ao colosso:  
Que se occultou aqui, e além se mostra:  
Que traz a luz dourada, e leva a treva:  
Que dá raiva ás paixões, e unge os seios  
Com o balsamo do amor: que ao vicio, ao crime,  
Agita, impelle, anima, e que á virtude  
Lá dá consolações — que beija as fronte  
De povo e rei, de nobre e de mendigo;  
E embala a flor, e eleva as grandes vagas;  
Que tem logar, no seio, para todos;  
Que está no rir, e está tambem nas lagrimas,  
E está na bacchanal como na prece!...

Eis a Vida! o festim que Deos, no mundo,  
Para os homens armou! para seus filhos!  
Forma mais pura do Universo augusto!  
Da lyra universal nota mais alta!  
Do chão do infinito seara ardente!  
Quando os orbes de luz, que andam na altura,  
Sentem a face, ás vezes, ennuclar-se

E o seio lhes revolve intima magoa,  
 É que nessa hora uma ancia de venturas,  
 De amor mais vasto, de mais bella forma,  
 Uma aspiração vaga os accommette...  
 Pedem a Deos que estenda a mão piedosa  
 E os erga a luz maior, á luz do espirito,  
 E tem inveja ao homem, porque *vive!*  
 Da arvore do Eterno pendem fructos,  
 E fructos aos milhões — estrellas, astros,  
 Formas e criações que nem se sonham —  
 Mas só onde seus ramos se mergulham  
 No espirito vital do infinito,  
 Só onde o ar purissimo do Bello  
 Lhe beija as franças ultimas — sómente  
 Lá se abre o lyrio augusto, o lyrio unico,  
 A flor dos mundos, que se chama Vida!

Inundação de crenças... e diluvio  
 De duvidas fataes! hymno de glorias...  
 E rugido feroz! Se és fera, toma  
 A parte dos rugidos — e, se és homem,  
 Ergue ao céo tua face, e entoa os hymnos!  
 Se ha valor em teu peito, corta as aguas,  
 Nadando, d'esse mar de infindas duvidas.  
 Ergue-te, lucta, arqueja, precipita-te,  
 Deixa as ondas lavar-te o corpo, ou dar-te

A pancada da morte — mas sê homem!  
 Sê grande sempre! e, ou Satan ou Anjo,  
 Blasphema ou exulta... mas não desças nunca!  
 Por que descer é morte, é sombra, é nada!  
 É a pedra que dorme: é lodo escuro  
 Que sombrio fermenta! a alma, se é espirito.  
 É por que á farta possa encher, crescendo.  
 O espaço todo e todo o ar infindo!  
 E, bella ou triste, horrivel ou sublime,  
 Sancta ou maldicta, a vida é sempre *grande!*

Rocha por ondê os tempos vão seguindo  
 O caminho que os leva ao infinito...  
 É tão vasta, que os sec'los desfilando,  
 Com passos de gigante, ha milhões de evos,  
 Não poderam ainda ver-lhe o termo,  
 Não poderam gastal-a um pouco, apenas!  
 É tão fundo esse mar, é tão fecundo,  
 Que os homens todos, que ha milhões de seculos  
 Nascem da espuma e vem encher as praias,  
 Bebende a longos tragos, não poderam  
 Fazel-o inda abaixar, sequer um palmo!

.....  
 E não vos chega para vós?! Os tempos  
 Deixaram cheia aquella taça immensa...  
 E estes tres homens já lhe véem o fundo!



As ideias serenas e os combates  
 Da eterna liberdade; o amor e as luctas  
 Das dores da verdade; as doces lagrimas  
 E os rugidos altivos; o que os sabios  
 Nos ensinam e quanto o olhar ingenuo  
 Da mulher nos revela — tudo, tudo,  
 Tudo isto, nos banquetes da existencia,  
 É um bocado apenas para a bocca  
 D'estes Titans immensos...: de tres palmos!

.....  
 Por que é que combateis? O mundo é vasto!  
 Dá p'ra todos — e todos, no seu panno  
 Podem talhar á farta e á larga um manto  
 Com que cobrir-se... e que inda arraste... É vasto!  
 Erguei sómente os olhos! alongae-os  
 Pelo horisonte! e, alem d'esse horisonte,  
 Ha mil e mil como este!

Se vós tendes

O olhar fito nos pés, aonde a sombra  
 Em volta de vós mesmos gyra apenas,  
 O que podeis saber d'esse Universo?!

Não ha olhos que contem tantos orbes!  
 E cada um d'esses mundos tem mil vidas!  
 E cada vida tem milhões de affectos,  
 De paixões, de energias, de desejos!

Cada peito é um céu de mil estrellas!  
 Cada ser tem mil seres! mil instantes!  
 E, em cada instante, as criações transformam-se!  
 E coisas novas a nascerem sempre!

Descei, descei o olhar ao proprio seio!  
 Como num espelho, esse universo todo  
 Reflecte-se lá dentro! é como um cahos  
 Donde, ao *fiat* ardente da vontade,  
 Podem sahir as criações aos centos!  
 Podeis tirar d'ahi a luz e a treva!  
 Podeis tirar o bem, e o mal, e o justo,  
 E o iniquo, e as paixões torvas da terra,  
 E os desejos do céu!

Pois não vos chega?

Assim queiraes viver, que ha muita vida!

.....

Alexandre! Alexandre! és tu que choras  
 Não haver já mais mundo que conquistest...  
 E sahes d'aqui, ó triste! sem ao menos  
 Ter olhado uma vez dentro em tua alma!  
 Alexandres inglorios! toda a terra  
 Acabou, onde a vista vos alcança!

Correis... correis... correis... atrás de um atomo...  
E ides deixando, ao lado, os universos!

.....  
Mas vós não vedes nada d'isto! nada!!  
E quereis aos homens ensinar a vida?!



## PATER

---

### I

Já que os vejo passar assim altivos  
E cheios de vangloria, como quem  
Ao peito humano deu a luz que tem,  
E a nossos corações os lumes vivos;

Já que os vejo, assentados na cadeira  
Da prudencia, fallar com voz segura,  
Dar-se em adoração á gente escura  
E doutrinar d'alli á terra inteira;

Já que os vejo, co' a mão que *ata* e *desata*,  
 Entre os homens partir o mundo todo  
 E todo o céo — e dar a este o lodo,  
 E áquelle o reino de saphira e prata;

Dizer a uns — fallae! e pôr na bocca  
 Dos outros a mordação da doutrina;  
 Dar a estes a espada de aço, fina,  
 E, *ao resto*, pôr-lhe á cinta a estriga e a roca;

Já que os vejo fazer a noite e o dia  
 Com o abrir e fechar dos olhos baços;  
 E pretender que o Sol lhes segue os passos,  
 E em seus sermões aprende a harmonia;

Dispor do céo como de casa sua,  
 A que pozessem Deos como porteiro;  
 E receber com rosto prazenteiro  
 Este — e aquelle deixal-o em meio da rua;

Eu quero perguntar aos Zoroastros  
 Do pôr-do-sol, astron'mos do passado,  
 Que medem, pelo rithmo compassado  
 De seus passos, o gyro aos grandes astros:

Eu quero perguntar aos Sacerdotes,  
 Que, traduzindo o Verbo em orações,  
 Cuidam que Deos lhes cabe em duas mãos,  
 E todo o céu debaixo dos capotes:

Quero-os interrogar — por que, em verdade,  
 Se saiba qual mais vale, se o *páo* se a *cruz*?...  
 Se o Sol ao cirio deu a sua luz,  
 Ou deu o cirio ao Sol a claridade?...

Se a cupula do céu teve modelo  
 Na cupula da igreja? e se as estrellas,  
 Para alcançar licença de ser bellas,  
 Foram pedir a alguém o Sancto-sello?

Se foi Deos, quando o Sol sahiu do abysmo,  
 Que á luz do infinito o baptizou;  
 Ou se algum bispo foi que o sustentou,  
 Inda infante, nas fontes do baptismo?

Se ha quem tenha na terra monopolio  
 Do cambio-livre, que se chama Ideia?  
 Se a Verdade não vale um grão de areia  
 Sem que, antes, a baptize o sancto-oleo?

Se terá mais commercio co' as estrellas  
 O velho livro ou o novo coração?  
 Quem vae mais perto — a forma ou a inspiração —  
 Das grandes cousas e das cousas bellas?

Que, nesta confusão, nestas desordens,  
 Se veja, emfim, bem claro, á luz-dos céos,  
 Se o Messias nasceu entre os Judeus,  
 Ou se, quando nasceu, já tinha *ordens*?

Sim! que a final se saiba tudo isto —  
 E se veja o caminho aonde vamos.  
 Ver e saber — por que no fim possamos  
 Escolher entre o Padre e entre o Christo.

## II

*Padre?! Padre... é o Pae — só — que nos cobre,*  
*E a todos com a mão afaga e amima,*  
*E em meio do caminho nos anima,*  
*E vae connosco — o que está *sob e sobre.**



O que escreve o Evangelho cada dia  
 Em nossos corações — e em cada hora,  
 A quanto olhar se eleva e mudo adora,  
 Diz a eterna missa da Harmonia.

O que veste a estola do infinito  
 Para deitar a grande bênção—Vida —  
 E resa, lendo em pagina fulgida,  
 O que em lettra de estrellas anda escripto.

É quanto d'elle falla — o livre oceano,  
 O psalmista das vastas solidões;  
 O que desenha a voz das orações  
 Sobre a tela do choro soberano.

Padres, o mar e o céu — apostolando  
 A Terra sempre crente e sempre nova:  
 Um — que a força da crença lhe renova...  
 O outro — o que está Deos sempre amostrando.

A aurora é o *sursum-corda* do Universo;  
 A luz é *oremus*, por que é hostia o Sol;  
 Quanto abre o olhar aos raios do arrebol  
 Eis o povo-christão ali disperso.

Quando os calix das flores são espelhos...  
 E a ervinha berço, e berços os rosaes...  
 Quando são as florestas cathedraes...  
 Eis ahi outros tantos Evangelhos!

O cedro na montanha apostolisa;  
 O vento prega ás livres solidões;  
 As estrellas do céo são orações,  
 E o amor, no coração, evangelisa!

O amor! é esse o apost'lo soberano!  
 Para quem não ha tarde nem aurora!  
 O que sobe a prégar, a toda a hora,  
 Ao pulpito-da-fé... o peito humano!

De dois raios de uns olhos bem-amados  
 É que se faz a cruz que nos converte;  
 E a palavra, que a crença ás almas verte,  
 Faz-se essa de suspiros abafados.

Esse é o Confessor que absolve — e tem  
 Sempre o perdão comsigo e a paz radiante...  
 Ou nuns labios bem tremulos de amante,  
 Ou nuns olhøs bem humidos de mãe.

Homens, olhae — que o seio maternal,  
 Em se abrindo, é o livro aonde Deos  
 Escreve, com a luz que vem dos céos,  
 A só, a unica Biblia immortal!

Cada labio de mãe escreve um psalmo  
 Na frente do filhinho, em o beijando...  
 Nem ha sancto que tenha, radiando,  
 Uma aureola assim de brilho calmo!

Esses são Padres — porque são os Paes —  
 Os que do amor nos baptizaram na agua...  
 Os que, inclinados sobre a nossa magua,  
 Bebem em nosso peito os nossos ais.

É tudo que tem voz que se ouça ao longe,  
 E coração tamanho como a esphera:  
 A voz do inverno e a voz da primavera...  
 E a voz do peito humano... o grande *monge*

Sim, monge! *triste e só* — porque o devora  
 A vaga nostalgia dô deserto;  
 E vela a noite e vae sempre desperto  
 A olhar de que banda venha a aurora.

Padre... oEspirito! —o que anda em nós — o auguro,  
 Que nalma risca o circulo divino;  
 A cumana, que em verso sybillino  
 Deita aos homens os cantos do futuro.

Vós, Poetas, vós sois tambem sybillas,  
 Que adivinhaes e andaes com voz fremente  
 Sempre a gritar — avante! avante! á gente,  
 Por cidades, por montes e por villas.

Vós sois os prégadores do Ideal,  
 Que lancaes a *palavra* aos quatro ventos:  
 A tribu de Levi, que em mil tormentos  
 Guarda a Arca, dos filhos de Baal.

Sim, Padre! o poeta sancto, que alevanta,  
 Como hostia, nossas almas sempre aos céos!  
 O prégador, que falla, enquanto Deos  
 Lhe arma de corações tribuna sancta.

Os que na frente vão, bradando — alerta!  
 Sentinellas perdidas do futuro—  
 Os que o clarim do abysmo, pelo escuro,  
 Faz em sonhos tremer, e emfim desperta.

A pallida cohorte dos proscriptos,  
Que têm nos rostos estampada a fome;  
Que, enquanto o frio os roe e os consome,  
Trazem no coração Deoses escriptos.

Os heroes que, co'os pulsos algemados,  
Vão ao mundo prégando a liberdade—  
Astros, a quem se nega a claridade...  
Nas trevas dos ergastulos cerrados.

Que— enquanto os pés na terra, em corrupio,  
Lhes fogem— impassiveis, firmes, altos,  
Erguem olhos, sem ver os sobresaltos,  
Riscando as sociedades no vazio.

Que— enquanto as *Leis* os têm em fundas covas,  
Como traidores, impios, embusteiros —  
Sobre esse mesmo chão dos captiveiros  
Semeiam a seara das leis novas.

Os inventores, que, soltando ais,  
Deixam das mãos cahir obras gigantes;  
E riscam Paços sobre os céos distantes...  
Assentados á porta de hospitaes!

Quem a estes lhes deu suas Missões  
 Foi o alto Messias — sofrimento —  
 Por que possam o Verbo, o pensamento,  
 Abaixar sobre a fronte ás multidões.

Foi o Espirito, o fogo incandescente,  
 Que os baptizou ao lume da Ideia,  
 Por que possam pegar no grão de areia,  
 E mudal-o num astro reluzente...

Que elles fazem milagres — desde o espaço  
 De um polo ao outro estreitando a terra,  
 Té aos irmãos, ha tanto tempo em guerra,  
 Que, a final, já se estreitam num abraço.

Desde a lepra, dos corpos, e os abrolhos,  
 Dos montes, arrancados... desde as flammas  
 Tiradas ao trovão... té ás escamas  
 Arrancadas aos *cegos* de seus olhos,

Elles fazem do mundo eucharistia,  
 Onde vêm ter os povos communhão;  
 E, do genio assoprando-lhe o clarão,  
 Fazem da noite humana immenso dia.

Fazem nascer, por entre espinhos bravos,  
Flores, a um lado, e ao outro lado, fructos;  
E os novos risos, dos antigos luctos,  
E a liberdade, em corações escravos.

Pois, se são operarios do futuro,  
Semeiadores da seara nova,  
Que lançam uma ideia em cada cova...  
Da dura historia sobre o chão escuro;

Se vão na frente, e a bussola que os leva,  
Para o polo de Deos se inclina e pende;  
Buscando o *continente* que se estende  
Alem do soffrimento e alem da treva;

Se a cada voz de guerra dizem — *basta!*  
Lançando-se entre os ferros dos irmãos;  
E exclamam — *ainda!* — pondo as mãos,  
A cada voz de amor serena e casta;

São os grandes prophetas da consciencia;  
Biblias que o povo com a mão folheia;  
Reveladores sanctos da Ideia,  
Que, em cada hora, vão furtando á Essencia:

São milicia sagrada — são cohortes  
 Do céu, passando aqui — são missionarios  
 Amostrando Jesus aos homens varios...  
 Ajudam pois a Deos! são Sacerdotes!

## III

Ahi tendes os *Padres!* que nos cobrem  
 Nossas fronte do mal, e nos desvendam  
 Os olhos por que vejam, amem, entendam...  
 Não os que o sol co' as capas nos encobrem!

A Igreja dera o Inferno ao triste *reo*  
 (Que beijo maternal! e que olhar terno!)  
 Mas Dante, a pé enxuto, passa o Inferno  
 Para, chegando á porta, bradar *céo!*

Desde essa hora... *acabou!* abriu-se a porta!  
 Os condemnados ruem para fóra!  
 O que era multidão ainda agora...  
 Tornou-se solidão deserta e morta.



Inda ás vezes os vemos ir na praça...  
 Mas no labio seccou-se-lhe a *palavra!*  
 O incendio agora de outra banda lavra!  
 São como os filhos de uma extincta raça.

Quando se ergue a um lado o olhar pasmado  
 Das gentes, que em delirio cuidam ver  
 D'essa banda do céu Deos appar'cer...  
 Heis de vel-os olhar o opposto lado.

Quando as mães lhes vêm beijar os pés,  
 Erguendo um filho, como um raio a estrella,  
 Olhando o innocente e a mãe bella,  
 Não têm mais benção do que *pulvis es!*

E, quando de uma amante o olhar velado  
 Se encontra, acaso, com o seu, passando,  
 Não tem aquelle espectro miserando  
 Melhor saudação do que *peccado!*

Quando o sec'lo se atira, como onda,  
 Á praia do futuro, pelo espaço,  
 Vês que lhe estenda fraternal abraço?...  
 Não! o *mocho* não tem onde se esconda!

## IV

Porque, pois, trás da sombra ides correndo,  
Homens, que a *luz* no berço baptizára?  
Quando correis assim viraes a cara...  
Pelas costas o Sol vos vem nascendo!

Ó vós! — se ides em busca da Verdade! —  
Olhae bem... que essa mão, que assim vos leva,  
Bem pode ser que seja toda treva,  
Quando se acclama toda claridade!

## V

Quando a sêde nos secca o paladar,  
E o sol a pino o peito nos esmaga,  
Se emfim se chega á praia, juncto á vaga,  
Quem hesita entre a areia e entre o Mar?

.....  
.....  
.....  
.....

Deitae-vos a nadar, homens! e vêde  
Que a onda é que se chama liberdade!  
O Dogma é a areia, apenas — a verdade  
É esse o Mar — que o Mar nos mate a sêde!



# IDEIA

---

Ao Sr. Camillo Castello-Branco

## I

Pois que os deoses antigos e os antigos  
Divinos sonhos por esse ar se somem...  
E á luz do altar-da-fé, em Templo ou Dolmen,  
A apagaram os ventos inimigos...

Pois que o Sinai se enubla, e os seus pascigos,  
Seccos á mingua d'agoa, se consomem...  
E os prophetas d'outr'ora todos dormem,  
Esquecidos, em terra sem abrigos...

Pois que o céo se fechou, e já não desce  
Na escada de Jacob (na de Jesus!)  
Um só anjo que acceite a nossa prece...

É que o lyrio da Fé já não renasce;  
E Deos tapou com a mão a sua luz;  
E ante os homens velou a sua face!

..

## II

Pallido Christo, ó conductor divino!  
A custo agora a tua mão tão doce  
Incerta nos conduz, como se fosse  
Teu grande coração perdendo o tino...

A palavra sagrada do destino  
Na bocca dos oráculos seccou-se;  
E a luz da *sarça ardente* dissipou-se  
Ante os olhos do vago peregrino! -

Ante os olhos dos homens — porque o mundo  
Desprendido rolou das mãos de Deos,  
Como uma cruz das mãos de um moribundo!

Porque já se não lê Seu nome escripto  
Entre os astros — e os astros, como atheos,  
Já não querem mais lei que o infinito!

## III

Força é pois ir buscar outro caminho!  
~~Largar~~ o arco de outra nova ponte  
 Por onde a vida passe—e um alto monte  
 Aonde se abra á luz o nosso ninho.

Se nos negam aqui o pão e o vinho,  
 Ávante! é largo, immenso esse horisonte...  
 Não, não se fecha o mundo! e além, defronte,  
 E em toda a parte, ha luz, vida e carinho!

Ávante! os *mortos* ficarão sepultos...  
 Mas os vivos que sigam,—sacudindo,  
 Como pó da éstrada, os velhos cultos!

Doce e brando era o seio de Jesus...  
 Que importa? havemos de passar, seguindo,  
 Se além do seio d'elle houver mais luz!

## IV

Conquista pois sósinho o teu Futuro,  
Já que os celestes guias te hão deixado,  
Sobre uma terra ignota abandonado,  
Homem—proscripto rei—mendigo escuro—

E pois não tens que esp'rar do céo (tão puro  
Mas tão cruel!) e o coração maguado  
Sentes já de *illusões* desenganado,  
Das *illusões* do antigo amor perjuro;

Ergue-te, então, na magestade estoica  
De uma vontade solitaria e altiva,  
Num esforço supremo de alma heroica!

Faze um templo dos muros da cadeia...  
Prendendo a immensidade eterna e viva  
No circulo de luz da tua Ideia!



## V

Mas a Ideia quem é? quem foi que a vio,  
Jámais, a essa encuberta peregrina?  
Quem lhe beijou a sua mão divina?  
Com seu olhar de amor quem se vestio?

Pallida imagem que a agua de algum rio,  
Reflectindo, levou... incerta e fina  
Luz que mal bruxuleia pequenina...  
Nuvem que trouxe o ar... e o ar sumio...

Estendei, estendei-lhe os vossos braços,  
Magros da febre de um sonhar profundo,  
Vós todos que a seguís nesses espaços!

E, emtanto, ó alma triste, alma chorosa,  
Tu não tens outra amante em todo o mundo  
Mais que essa fria virgem desdenhosa!

## VI

Outra amante não ha! não ha na vida  
 Sombra a cubrir melhor nossa cabeça...  
 Nem balsamo mais doce que adormeça  
 Dentro de nós a nossa eterna f'rida!

Ou esquivava ou ardente, occulta ou erguida  
 Como quem sabe amar e amar confessa...  
 Quer nas nuvens se esconda ou appareça,  
 É ella, é ella a *esposa-promettida!*

Nossos desejos para ti, ó fria,  
 Se erguem bem como os braços do proscripto  
 Para as bandas da patria, noite e dia...

E, pois foges, havemos, desdenhosa,  
 Perseguir-te através do infinito...  
 E, forçada a final, has de ser nossa!

## VII

Oh! o noivado barbaro! o noivado  
Sublime! aonde os céos, os céos ingentes  
Serão leito de amor — tendo pendentes  
Os astros por decel e cortinado!

As bodas do Desejo, embriagado  
De ventura, a final! visões ferventes  
De quem nos braços vai de ideaes ardentes  
Por espaços sem termo arrebatado!

Lá, por onde se perde a phantasia  
No sonho das bellezas — lá, aonde  
A noite tem mais luz que o nosso dia,

Lá, no seio da eterna claridade,  
Aonde Deos á humana voz responde,  
É que te havemos abraçar, Verdade!



## TENTANDA VIA

---

### I

Com que passo tremente se caminha  
Em busca dos destinos encubertos!  
Como se estão volvendo olhos incertos!  
Como esta geração marcha sósinha!

Como o céu stá fechado! o mar, escuro!  
A noite, longa! o dia, duvidoso!  
Vai o gyro dos céos bem vagaroso...  
Vem longe ainda a *praia do futuro...*

Longe, bem longe, é o porto que buscamos...  
 Longa, bem longa, é a nossa anciedade...  
 E, se nos fica ahí tanta saudade,  
 Antes nunca partir aonde vamos!

É a grande incerteza, que se estende  
 Sobre o futuro, como um véo de treva...  
 É o escuro terror *do* que nos leva...  
 O fructo horrível que das almas pende!

A tristeza do tempo! o espectro mudo  
 Que pela mão conduz... não sei aonde!  
 — Quanto pode sorrir, tudo se esconde...  
 Quanto pode pungir, mostra-se tudo —

Não é a grande lucta, braço a braço,  
 No chão da Patria, á clara luz da Historia...  
 Nem o gladio de Cesar, nem a gloria...  
 É um mixto de pavor e de canção!

Não é a lucta dos *tresentos bravos*,  
 Que o solo amado beijam quando cahem...  
 Crentes que traz um Deos, e á guerra sahem,  
 Por não dormir no leito dos escravos...

É a lucta sem gloria! é ser vencido  
 Por uma occulta, subita fraqueza!  
 Um desalento, uma intima tristeza  
 Que á morte leva... sem se ter vivido!

Não ha hi pelejar... não ha combate...  
 Nem ha já gloria no ficar prostrado —  
 São os tristes suspiros do Passado  
 Que se erguem d'esse chão, por toda a parte...

É a saudade que nos roe e mina  
 A força, como á pedra a gotta d'agua;  
 E é a compaixão, a intima magua  
 De olhar essa tristissima ruina...

Tristissimas ruinas! Entristece  
 E causa dó olhal-as — a vontade  
 Amollece nas aguas da piedade  
 E, em meio do lutar, treme e fallece.

Cada pedra, que cahe dos muros lassos  
 Do tremulô castello do passado,  
 Deixa um peito partido, arruinado,  
 E um coração aberto em dois pedaços!

## II

A estrada da vida anda alastrada  
De folhas seccas e myrrhadas flores...  
Eu não vejo que os céos sejam maiores,  
Mas a alma... essa é que eu vejo mais minguada!

Senhor! Senhor! para que banda leva  
Tua mão a balança dos destinos?  
O teu Dia terá raios divinos...  
Mas nós, Senhor, mas nós... só vemos treva!

Ah! via dolorosa é esta via!  
Onde uma lei terrivel nos domina...  
Onde é força marchar pela neblina...  
Quem só tem olhos para a luz do dia!

Irmãos! irmãos! amemo-nos! é a hora...  
É de noite que os tristes se entrelaçam...  
No mór p'rigo é que os tristes mais se abraçam...  
Irmãos! irmãos! amemo-nos agora!



É vós, que andaes a dores mais affeitos,  
Que mais sabeis á Via do Calvario  
Os desvios do gyro solitario,  
E tendes, de soffrer, largos os peitos;

Vós, que lêdes na noite... vós, prophetas...  
Que sois os loucos... porque andaes na frente...  
Que sabeis o segredo da fremente  
Palavra que dá fé—ó vós, Poetas!

Estendei vossas almas, como mantos  
Sobre a cabeça d'elles... e do peito  
Fazei-lhes o degráu, onde com geito  
Possam subir a ver os astros sanctos...

Levai-os vós á Patria-mysteriosa,  
Aos que perdidos vão com passo incerto!  
Sede vós a columna do deserto!  
Mostrai-lhes vós a Via-dolorosa!

## III

Sim! que é preciso caminhar ávante!  
Andar! passar por cima dos soluços!  
E, como o que numa mina vae de bruços,  
Olhar apenas uma luz distante!

É preciso passar, sobre ruinas,  
Como quem vae pisando um chão de flores!  
Ouvir as maldições, ais e clamores,  
Como quem ouve musicas divinas!

Beber, em taça turbida, o veneno,  
Sem contrahir o labio palpitante!  
Atravessar os circulos do Dante,  
E trazer d'esse *inferno* o olhar sereno!

Ter um manto da casta luz das crenças,  
Para cobrir as trevas da miseria!  
Ter a vara, o condão da fada aerea,  
Que em oiro torne estas areias densas!

E, quando, sem temor e sem saudade,  
Poderdes, indiferente a toda a ruina,  
Erguer o olhar á cupula divina,  
Heis de então ver a *nova-claridade!*

Heis de então ver, ao descerrar do escuro,  
Bem como o cumprimento de um agoiro,  
Abrir-se, como grandes portas de oiro,  
As immensas auras do Futuro!



## **PARTE SEGUNDA**

Ca he visto, dice, señor, nuevos yerros  
La noche pasada hacer los planetas,  
Con crines tendidos arder los cometas  
Y dar nueva lumbré las armas e hierros...  
Ladrar sin herida los canes y perros,  
Triste presagio hacer de peleas  
Las aves noturnas y las funereas  
Por esas alturas, collados e cerros!

*LABERINTO de Mena*

## SECOL' SI RINUOVA

---

### I

Não sei que pé, na estrada do Infinito,  
Vae andando, não sei! mas as Cidades  
E os Templos e, nos altos minarettes,  
A Meia-Lua e a Cruz nas altas torres  
E os Castellos antigos e os Palacios,  
—Tudo quanto estava edificado  
E assente como a rocha sobre o monte—  
Tudo sente pavor e se perturba  
E tem tremor pressago de ruina  
E se escurece e teme...

Das alturas  
Do passado olha o abysmo do futuro

E, vendo-o a vez primeira tão cavado,  
 Tão livido por baixo e, por instantes,  
 Cortado de relampagos... anceia  
 E tem vertigens de atirar-se ao fundo!

A ossada das Babeis do mundo antigo  
 Gemeu — e vio-se então esse esqueleto,  
 Á luz de incendio extranho, conchegando,  
 Como se fosse carne aos ossos, restos  
 Da mortalha de purpura d'outrora...  
 Mas os vermes roeram-lhe a mortalha  
 E bem se vê a ossada nua...

## II

## Anceiam

Por encubrir essa nudez aos olhos,  
 Ou por cegar então os olhos todos!

Por que se, um dia, os pés d'essas estatuas  
 Se virem ser de barro e não de bronze;  
 Se se vir que os *Jardins de Babylonia*  
 Estão suspensos por uns debeis fios  
 E não assentes sobre pedra e abobada;  
 Se se vir que as columnas d'esse templo



Não são de marmor rijo, mas formadas  
 De uns troncos velhos meios podres, e o Idolo  
 Se conhecer que já não faz milagres...  
 Em verdade, em verdade, que ha de ouvir-se,  
 Sobre a face da terra, ao Sul e ao Norte,  
 Erguer-se, como o vento das tormentas,  
 E voar, como relampago nas ondas,  
 Bem estranho clamor — mixto de chóros  
 E imprecações e supplicas e brados  
 E odios, tudo a rugir!... e muita escama  
 Ha de aos olhos cahir... e muita fronte  
 Que beija o pó ha de entestar co'as nuvens!

Muito machado de aço, que anda agora  
 Cortando na floresta o cedro e o sandalo  
 Para a pyra dos Idolos, quem sabe  
 Se não ha de voltar talvez o gume  
 Contra esses pés myrrhados do esqueleto?  
 Muitos braços, que puxam hoje ao carro,  
 Quem nos diz que não hão de emfim, quebrando  
 As algemas servis, precipital-o?  
 E muitas postas mãos em prece humilde,  
 Talvez erguer-se e dar na cara ao morto?  
 E muito labio, que murmura a supplica,  
 Abrir-se emfim para escarrar o ultrage?  
 E muito olhar trememente soltar chammas?

E muitos curvos hombros, que açarretam  
 O oiro em pó e incenso e myrrha, ainda  
 Quem o sabe? talvez ir-se de encontro  
 Á base da estatua — e derrocal-a?

## III

Eu tenho visto a pedra, desprendida  
 Da montanha, levar meia floresta  
 Na carreira — e não ha de esse granito  
 Colossal, que é o Povo, despregado  
 Por mãos do tempo, com trabalho immenso,  
 Ao rolar no declive da historia  
 Esmagar, ao correr, os troncos seccos  
 E o myrrhado ossuário do passado?  
 Não ha de o solo heroico, que se agita,  
 Lançar ao ar castellos e cidades?  
 Ha de abrir-se o vulcão só por que atire  
 Um só jacto de fumo e cinza apenas?  
 E a alma dos homens ha de entrar nas dores  
 De um parto crudelissimo, e volver-se  
 Num leito de torturas, por que a Esp'rança,  
 O fructo das angustias, em chegando  
 A ver a luz se chame *desespero?*

Elles sabem que não. Sabem que o Oceano,  
 Chamado Humanidade, gasta seculos  
 A revolver, lá dentro em si, uma ideia;  
 Mas que, se um dia chega a vel-a clara,  
 A phrase com que a deita ao mundo é o estrondo  
 Da tormenta... e é seu *verbo* o Cataclismo!

## IV

Elles sabem e temem—

Como ovelhas,  
 A quem faro de lobos poz espanto,  
 Uniram-se formando um grande circulo.

Stá no centro o *Pastor*— baculo de oiro  
 Por fora, mas por dentro ferro todo!  
 Em volta do cajado da legenda  
 (Como em volta ao bordão do Septe-estrello  
 As estrellas do céu) é que se junctam  
 As estrellas fataes da treva humana.  
 Os que têm sobre a mão a cruz de Christo  
 (Onde a Christo pregaram!) e os que apertam  
 Sob o guante ferrado a cruz da espada!  
 Os que do peito humano fazem cunho

E, vasando-lhe prantos, lhes sahe oiro!  
 Os cabos do exercito traidores,  
 Porta-bandeiras que o pendão venderam;  
 Que, vendo na auriflama esta palavra  
*Justiça* escripta, vão — linguas de vibora —  
 Lambendo a letra de oiro, e a baba horrivel  
 Deixa bordado a fio de peçonha  
 O mote d'elles *Interesse!* os *sabios*  
 Que andam tapando o sol co'a capa negra!  
 Os Cains, que subindo sobre a espadoa  
 Dos irmãos, lhes deixaram em cada hombro  
 — Marca de servidão — beijo do inferno —  
 F'rida de seus sapatos tauxiados!  
 Os leprosos que põem oiro nas chagas!  
 Os que vendem a Christo cada dia,  
 E o renegam tres vezes cada noite!  
 Os herdeiros do Abuso! os feudatarios  
 Do Crime! os titulares da Ignominia!  
 Eis do inferno o rebanho, que obedece  
 A um Pastor... herdeiro da Serpente!

## V

São estes que fizeram de cadaveres

O grande monte do Passado: estes  
 Que de ossadas fizeram os castellos  
 E os pulpitos e os thronos — e fizeram  
 De prantos oleo sancto e agua benta...

São estes que fizeram da cruz negra  
 Do máo ladrão signal com que se absolvem  
 Entre si: e, deitando a *toga preta*  
 Pelo espaço, fizeram Firmamento;  
 E chamaram, ao sol, escuridade;  
 E, ao pensamento, lepra; e á ignorancia  
 Elevaram altar; e á ignominia  
 Chamaram dignidade; e andam pedindo  
 Esmola para a Treva; e querem do homem  
 As lagrimas, apenas... com que reguem  
 Do seu jardim roubado as negras flores!

## VI

E, emtanto, sabem (quem tem olhos vê-o...  
 Vê com espanto!) que o tremor do solo  
 É largo e vem de longe; e que ha no espaço,  
 Fóra do mundo, mão que impelle as coisas  
 E, como onda, as agita a ir de encontro

*Á cidadella das ruinas!* Sentem  
 Já sobre o coração um frio horrivel...  
 E, olhando em volta, vêem pelo escuro  
 Vir essa negra mão, que traz erguida  
 A espada flamejante do Destino!

Vêem... e luctam! Deos é que elles tentam  
 E ao Destino é quem elles desafiam!  
 Mas têm medo — os cobardes — por que mentem  
 E não sabem bradar, olhando os astros,  
 «Nós cá somos o Mal... guerra de morte!»

Não sabem — mentem — Dizem que o Passado  
 Era urze fraquinha que a Revolta,  
 Bem como golpe de alvião valente,  
 De uma vez arrancou. Fazem-se humildes  
 E, como o canavial, vergam gemendo...  
 E dizem *meu irmão* a cada insecto...  
 E querem ver se enganam a Verdade...  
 E querem ver se Deos lhes cahe no laço!

## VII

O Passado! essa larva macilenta,

Mixto de podridão, tristeza e sombras,  
 Se morreu... ressurgiu do seu sepulchro!  
 Bem o vemos andar, pavonear-se  
 Entre nós, nos vestidos illusorios  
 Da triste morte, arremedando a vida,  
 Passar — e sobre a fronte d'esse espectro  
 Bem se vê uma sombra de thiara  
 Ou de coroa, ao longe, branquejando!

Mudou de roupa — mas o corpo ainda  
 É o mesmo... é peor, que cheira á cova!  
 O castello feudal tinha raizes  
 Bem fundas nesse chão: e a arvore heraldica,  
 Antes que a decepassem, alastrou-se  
 Subterranea e botou rebento ao longe...  
 Se a regou tanto sangue è tanta lagrima!  
 Tem muita vida ainda a arvore negra!

O velho mundo, a Babylonia antiga,  
 — Leviathan dos tempos — tem amarras  
 De ferro colossaes que á praia o ligam,  
 Cada fuzil é um abuso; a ancora  
 É a inercia das gentes; e é o interesse  
 A rocha a que se prende. Ri dos ventos  
 E julga-se seguro... mas um dia  
 Ha de estalar... e então! então o oceano

Terá pouca fundura para a cova  
E poucas ondas a deitar-lhe em cima!

## VIII

O novo mundo é toda uma Alma nova,  
Um Homem novo, um Deos desconhecido!

No nosso sangue ha globulos legados  
Pelo mysterio das edades idas.  
Ha toda a podridão da arvore antiga  
Legada ao germen da arvore futura...

Ha o Espirito e a Forma. A *Auctoridade*,  
Esse mysterio, a espada de Damocles,  
Essa nuvem sombria onde se esconde  
O Senhor do Sinai e as doze-tabuas:  
A rede de mil fios, que atirando  
Uma ponta á familia, em mil meandros  
Vae, desce, sobe, some-se, apparece,  
Té que prenda no throno a ultima ponta,  
Onde a Aguia-bifronte os fios une!

Ha o *Terror* — a nuvem das alturas.



Trazida para aqui (ou aqui formada);  
 Raio de luz do eterno sanctuario  
 Mettido no candil d'estes Diogenes!  
 Uma ponta do véo azul do agosto  
 Cobrindo a fronte cynica do eunuco!  
*Deos* — o segundo termo do dilemma  
 Sempre apontado ao peito, como setta!  
 Não se poder andar, correr os campos,  
 Sem que, de um canto escuro, um vulto negro,  
 Nos brade logo «arreda! aqui começa  
 O dominio do céo — atrás, profano!»  
 O Pensamento livre e illuminado  
 Mettido ao canto d'essa jaula negra  
 De *pedra e ferro!* o céo sempre na terra!  
 A *tenda do deserto* em mil retalhos  
 Partida! e a onda do mar pulverisada!  
 E as areias da praia repartidas!

.....  
 Ha de que perguntar por que é que os astros  
 Se põem a olhar assim com tal carinho  
 Para aqui, e temer que o sol, uma noite,  
 Revolvendo o que viu fuja no espaço  
 Ou se apague co'as lagrimas choradas...  
 Porque isto é haço e isto é atroz!

## IX

## Emtanto

Da Historia o solo tragico, regado  
Com o sangue dos tempos, anda em dores  
Concebendo um mysterio — por que dentro  
Em seu seio, num rego tenebroso,  
Não sei que mão deitou uma semente  
Escura mas divina, a do Futuro!

## X

Ha de crescer até ao céo essa Arvore!  
Ha de vingar! o bafo, o ar que respira,  
É o Desejo do homem, essa eterna  
Aspiração, essa atmospherá ardente  
Aonde bebe vida quanto ha grande,  
Quanto de novo e extranho á luz se eleva!

Ha de crescer essa arvore divina!  
Porque as raizes d'ella vão, na sombra,

Buscar a vida ás duas largas fontes  
 — Alma e Verdade — e a seiva que a alimenta  
 É progresso... e é o chão a Humanidade!

## XI

Deixal-a ir! Os vermes que a rodeiam  
 Querem comer-lhe o tronco — estes insectos  
 São audazes... porque? porque são cegos!  
 Hão de gastar os dentes nessa lida;  
 Hão de gastar, depois, ainda a cabeça:  
 Hão de por fim gastar o corpo todo!

E ella como se vingá?

Á essa poeira  
 Escura, que deixarem quando extinctos,  
 Ha de ir a procural-a co'as raizes,  
 E transformal-a em seiva; e d'essa seiva  
 Fazer ou folha ou ramo ou flor, acaso,  
 E, generosa, ao sol do bello erguel-a  
 Que veja, ao menos uma vez, os astros!

Elles são fortes — elles têm o Mundo:  
 Ella, por si, apenas tem... o Espirito!

Como o vento ás sementes do pinheiro  
Pelos campos atira e vae levando...  
E, a um e um, até ao derradeiro,  
Vae na costa do monte semeando:

Tal o vento dos tempos leva a Ideia,  
A pouco e pouco, sem se ver fugir...  
E nos campos da Vida assim semeia  
As immensas florestas do porvir!

## O TEMPLO

---

### I

O Povo ha de inda um dia entrar dentro do Templo,  
E ha de essa rude mão erguer-se sobre o altar;  
E ha de dar de piedade um grande e novo exemplo,  
E, ao pulpito subindo, o mundo missionar.

Heis de essa voz solemne ouvir — na nave augusta  
O canto popular ao longe soará;  
E a pedra, carcomida ás mãos do tempo e adusta,  
Anciosa palpitando, o hymno escutará!"

O Povo ha de fazer-se, então, bispo e levita;  
E será *missa-nova* a missa que disser:  
E ha de achar ao sermão por thema o que medita  
Hoje confuso e está na mente a revolver.

Então, por essa immensa abobada soando,  
Ha de correr o som de um órgão colossal;  
E uma outra cruz no altar, outro esplendor lançando,  
Ha de radiar luz nova ás lettras do missal.

*Dia sancto* ha de ser esse de festa extranha!  
Com a calosa mão o Povo toma a cruz,  
Amostra-a á multidão e — Christo na Montanha —  
Missiona... e a frente, emtanto, inunda-se de luz!

Então o seu olhar será como o espelho  
Doce, que o filho tem no olhar de sua mãe:  
E, tendo numa mão erguido o Evangelho,  
Com a outra aponta ao longe o vago espaço, além...

## II

Ninguém o dia sabe ao certo: emtanto, vemos  
Pelos signaes do céo que a *aurora* perto está...  
Pelas constellações é que esse espaço lemos...  
A *estrella do pastor* desmaia... Eil-o vem já!

.....

Sabeis que *missa nova* essa é que diz o Povo?  
E o orgão colossal que, em breve, vae soar?  
Qual é o novo altar e o Evangelho novo?  
E o thema do sermão que ás gentes vae prégar?

O Evangelho novo é a biblia da Egualdade:  
Justiça, é esse o thema immenso do sermão:  
A missa nova, essa é missa de Liberdade:  
E orgão a acompanhar... a voz da Revolução!

---





## Aos Miseraveis

### I

Vós vedes esses *lobos carniceiros*,  
Que em volta dos *redes* andam bramindo?  
Que onde se espalha o sangue são primeiros,  
E ultimos onde o Amor está sorrindo?  
Tremeis de medo ao vel-os? ou, rasteiros,  
Das vistas d'elles vos andaes sumindo?  
Ou, cheios de odio, estaes a invejal-os?  
Pois, em verdade, que é melhor choral-os!

Elles não vêem d'este grande mundo  
Mais que os tectos doirados de seus paços...  
Vós tendes todo o céu largo e profundo  
Por tecto, e por palacio esses espaços!  
O que Deos dá a todos... o fecundo...  
Que não se nega aos mais myrrhados braços...  
O brado que de um peito amado sahe...  
E o que do olhar das mães nalma nos cahe...

A herança é bella, miseraveis! vêde...  
*Miseraveis!* porque? porque no estio  
 Só um olhar de amor vos mata a sede?  
 Porque, quando tremeis de fome e frio,  
 Deos só seio de amigo vos concede?  
 E só tendes a Ideia como rio  
 Para banhar-vos no maior calor?  
*Elles* têm tudo... só lhes falta o amor!

Nem têm Intelligencia! a que vem d'alma!  
 Esse grande entender da Grande Cousa!  
 Cacho nascido na mais alta palma!  
 Relicario de quem *crê* e quem *ousa!*  
 Sangue de irmãos a sede lhes acalma...  
 Dão banquetes no marmore da lousa...  
 É saber isto? é isto intelligencia?  
 Não! que o Bem é o perfume d'essa essencia!

A camphora... a balsamica resina...  
 A essencia que distilla sobre os Povos,  
 Na frente d'elles, como unção divina...  
 Quando o tronco deitou rebentos novos,  
 E palpitou a ave pequenina  
 Por um leve rumor dentro em seus ovos,  
 Então cahiu tambem da immensidade,  
 Sobre a frente dos povos, a Verdade!

É Ella, que resalta, como lume,  
Do choque das ideias e das cousas!  
Não ha grilhões que a prendam... que os consume!  
Nem campa... que ella estala as frias lousas!  
Machado de aço fino, com o gume  
A arvore decepou onde te pousas  
Tu, negro mocho da Hypocrisia,  
E tu, aguia fatal da Tyrannia!

## II

Derruba com seu pé thronos erguidos,  
E, com o sopro, no pó lança os castellos!  
E aos *vermes* que na sombra andam sumidos  
É a quem ella chama filhos bellos!  
Os cometas, que ao ar andam subidos,  
Fez cahir... e tomando os alvos vellos  
Pallidos e trementes, a Verdade  
Com elles construiu throno e cidade!

Nós vimos esse Deos e a nossa bocca,  
 Não sabendo quem é, chamou-lhe Ideia.  
 Num dia faz-se nada, e a si se apouca...  
 No outro o mundo envolveu na immensa teia!  
 Pareceu bem minguado e cousa pouca,  
 Quando com Christo se assentou á ceia...  
 No outro dia chamava-se Martyrio...  
 Alma depois... depois chamou-se Emypreo!

Vae indo e vae varrendo a casa immunda  
 Que se chama *passado* — e faz o *novo*  
 Da poeira, inda hontem infecunda  
 E que já amanhã se chama Povo.  
 É ella quem destroe e quem innunda;  
 E, entre as ruinas, faz chocar um ovo  
 D'onde sahe um feto, inda hoje escuro,  
 Mas que é aurora e luz... porque é Futuro!

É gosto ver os thronos abalados  
 Por essa ferrea mão — e ver os cultos  
 Por terra — e, entre os altares alastrados,  
 Ver sob elles no pó deoses sepultos!  
 Ver os nomes dos *grandes* apagados,  
 E as sombras dos *heroes* cheias de insultos...  
 Porque esse sopro que o incendio atija  
 E essa mão e esse braço... é a Justiça!

A Justiça flammeja como a espada  
 Do archanjo invisível — resplandece  
 Como a chamma dos fogos ateada  
 Que, ao longe, nas montanhas apparece.  
 Sobre as c'roas partidas stá sentada:  
 Ás ruinas dos máos é que ella desce:  
 E tem por throno e solio soberanos  
 As ossadas comidas dos tyrannos!

Ninguem a vê chegar... mas, de repente,  
 Apparece — e mudou a face ás cousas!  
 Encheu de prantos quem dormiu contente:  
 Dos felizes sentou-se sobre as lousas:  
 Do olhar do *forte* fez olhar tremente:  
 E a ti, ó miseravel, que nem ousas  
 Do chão a custo erguer o teu olhar,  
 Foi quem ella tomou para beijar!

Não são consolações que dê o *acaso*:  
 São *leis* mysteriosas e divinas...  
 A providencia occulta em cada caso...  
 Presente na ventura e nas ruinas...  
 O que se achou no fim do escuro vaso  
 Que se libou na vida... as surdas minas  
 Por onde o incendio lavra sem ser visto,  
 Chame-se embora Garibaldi ou Christo!

## III

Ó Justiça! eu sorrio quando encaro  
Os semi-deoses d'esta terra ingrata,  
Que cheios de vaidade e de descaro  
Se cuidam feitos de oiro e fina prata!  
Sorrio quando os vejo em throno avaro  
Cuidando-se temivel cataracta  
E mais altos pairar que o Sete-estrellos...  
Porque eu bem sei que Tu has de comel-os!

E quando vejo o pobre que debulha  
A alma em dor pelos olhos, maguado;  
Quando não ha um grão na sua tulha,  
Nem já um ai no peito suffocado;  
Nem ha já no seu lar uma fagulha;  
Consolo-me a olhar o malfadado,  
Que eu sei que lá, além do escuro vallo,  
Ó Justiça! tu has de consolal-o!

Os Thronos cahem sem acharem echo:  
 E os Deoses morrem sem fazer ruido;  
 É o Sceptro ramo que só fructo peço  
 Dará; e o Montante de aço buido  
 Não poda a *vinha*... deixa tudo secco!  
 Tudo isto morre e vae-se em pó sumido...  
 E throno e thiara e c'roa e potestade  
 Não pesam na balança da Verdade!

Mas a ideia, que sahe da nossa fronte;  
 E a dor, que irrompe e rasga o nosso peito;  
 Mas a agua, que tem numa alma a fonte;  
 E o feto que nasceu todo imperfecto;  
 E o ai de um triste no *escalvado monte*;  
 E um pranto maternal em *frio leito*;  
 Eis quem pesa no prato da balança  
 Onde a Justiça mede o amor e a esp'rança!

Esperança! debalde não se soffre!  
 Ó vós que andaes curvados, vede a altura  
 E dizei-nos se pode dar de chofre  
 No lodo quem nasceu da formosura?  
 E espalhar os brilhantes do seu cofre  
 Entre as urzes e pobre e em noite escura  
 Ir curvado sem ver a *cousa-bella*  
 Quem nasceu para andar de estrella em estrella?

Caminhae para a *estrella da alvorada*  
Que vos sorri de lá— não tenhaes medo—  
Té que se desembrulhe esta meada...  
E ha de desembrulhar-se, tarde ou cedo!  
Miseraveis! segui na vossa estrada  
De miseria, segui, com rosto ledó...  
É a estrada real de um reino certo!  
Vae na frente a columna do deserto!



## SOMBRA

Quando Christo sentiu que a sua hora  
Emfim era chegada, grave e calmo,  
Serenos se acercou dos que o buscavam.

A turba vinha em armas. Mas, de tantos,  
Nem um só se atreveu a dar um passo,  
A pôr a mão no Filho do Homem.—Todos  
De olhos no chão, as armas encobriam  
Ante Jesus inerte.

Então aquelle  
Que o tinha de entregar, aproximando-se,  
O tomou nos seus braços, murmurando  
*Que Deus te salve, Mestre!* E, sobre a face  
O beijou, como fora contractado.

Então os mais, chegando-se, o prenderam.

Mas Jesus, sem os ver, lhes perdoava.  
 De olhos no céo, seguia-os sereno.  
 Era duro o caminho. Sobre um monte  
 Hiam e, de ambos os lados, lá em baixo,  
 Cobria a treva a terra toda.

Quando,  
 Porem, sobre o mais alto d'esse monte  
 Foram enfim chegados, de repente  
 Viu-se-lhe, uma das faces allumiar-se  
 De uma luz doce e branda, mas immensa!  
 E quanta terra, desde o monte ao oceano,  
 Lhe ficava do lado aonde virada  
 Lhe estava aquella face, reflectindo-a,  
 Tudo se esclarecia — valle e serra  
 E a metade do céo — apparecendo  
 Como em puro luar, ou qual se fosse  
 Vir nascendo uma aurora d'esse lado.  
 E essa face radiante era a que Judas  
 Não chegara a tocar.

Porem a outra,  
 Que elle beijára, conservou-se escura  
 Como se o crime d'elle alli guardasse...  
 Nem dava luz; e o espaço, d'essa banda  
 Onde a virava, era uma noite immensa  
 Coberto o horisonte de nevoeiro...  
 Partido o mundo em dois, essa metade

**Era a que se ficara envolta em sombras.**

.....

.....

**Foi d'essas sombras que se fez a Igreja!**

---



Como a serpente larga a pelle antiga, o seculo  
Largou as crenças velhas;  
E, olhando novo céo, procura deoses novos  
Entre os astros mudados.

Estala a velha Lei, como um balão inchado  
Pela expansão dos gazes;  
E o Espirito vae, como o ar se emfim crescesse,  
Abrindo o firmamento.

Ó vós, que estaes tremendo ao ver o peito humano  
A crescer, a alargar-se,  
Que uma hora chegue, e então no mundo já não caiba,  
E estale... ou estale o mundo...

E aconselhaes, co'a voz tremente da prudencia,  
Repressão, sacrificio,  
Porque não seja caso, um dia, que o ar falte  
Aos pulmões arquejantes...

Vêde vós que, se o peito humano cresce e alarga  
E toma mór espaço,  
É porque o espaço e o céu crescem tambem com elle,  
E o mundo fez dois tantos!

---

**Versos escriptos na margem  
de um Missal**

Bem pode ser que nossos pés doridos  
Vão errados na senda tortuosa,  
Que o pensamento segue nos desertos,  
Na viagem da Ideia trabalhosa...

Que a arvore da Sciencia, sacudida  
Com força, jamais deite sobre o chão,  
Aos pés dos tristes que alli 'stão anciosos,  
Mais do que o fructo negro da *illusão*...

Que o livro do destino esteja escripto  
Sobre folhas de lava, em lettra ardente,  
E não chegue a fital-o o olho humano  
Sem que não cegue logo de repente...

Pode ser que, na lucta tenebrosa  
Que este seculo move sob o céo,  
Venha a faltar-lhe o ar, por fim, faltando-lhe  
A terra sob os pés, bem como Anteo...

Que do sangue espalhado nos combates,  
E do pranto que cahe da triste lyra,  
Sobre este duro chão da esp'rança humana  
Mais não nasça que a urze da *mentira*...

Que o mysterio da vida a nossos olhos  
Se torne dia a dia mais escuro,  
E no muro de bronze do Destino  
Se quebre a frente — sem que ceda o muro...

Que o pensamento seja só orgulho,  
E a sciencia um sarcasmo da verdade,  
E nosso coração louco vidente,  
E a esp'rança um disfarce da vaidade...



E nossa lucta vã! talvez que o seja!  
 Cego andaré o homem cada vez  
 Que vê no céo um astro! e os passos d'elle  
 Errados pelo mundo irão, talvez!

Mas, ó vós que prégaes descanso inerte  
 No seio maternal da ignorancia,  
 E condemnaes a lucta, e daes ao homem  
 Por seu consolo o dormitar da infancia;

Apostolos da crença... na inercia...  
 Vós que tendes da Fé o ministerio  
 E sois reveladores, dando ao mundo  
 Em logar de um mysterio... outro mysterio;

Se quanto o Universo tem no seio,  
 E quanto o homem tem no coração,  
 E o olho que vê e a alma que adivinha,  
 E o pensar grave e a ardente intuição,

Se nada — em terra e céo — pode ensinar-nos  
 Do fado humano o immortal segredo,  
 Nem os livros profundos do saber,  
 Nem as profundas sombras do arvoredos,

Se não ha mão audaz que possa erguel-o  
O tenebroso véo do Bem e Mal...

Se ninguem nos explica este mysterio...

Tambem o não dirá nenhum Missal!

## CARMEN LEGIS...

---

### I

Muito ruído e pó, e muito escuro!  
É d'isso que se vestem...  
É d'esse ar que respiram e que vivem...  
Salamandras da sombra!

Chamam-se Bispos, Reis, Imperadores,  
Altos, Grandes e Ricos!  
Pairam sobre uma nuvem sobranceira,  
E sobre as nossas fronteiras!

Agitam-se, revolvem-se, remechem-se...

Ferem os grandes echos...

Enchem de bulha e pasmo o universo...

Põem terror e espanto!

Alevantam o pó de toda a estrada...

E agitam toda a onda!

Têm o sceptro, a thiara, a bolsa, a espada...

E têm os corpos todos!

Vê-os passar a gente, como uns astros,

E abaixa ao pó a fronte!

Com medo de ser visto e que se abraze

No rabo do cometa!

## II

Pois bem! Grandes, Altivos, Poderosos,

E Cometas da altura

E Senhores da terra e Semi-deoses...

Vós sois o pó e o nada!

Atroadores! o ruido immenso,  
 Com que abalaes o mundo,  
 É apenas fracasso e pó e estrepito  
 De casa que se alue!

## III

O espanto, que espalhaes, não vos pertence...  
 Não é a vossa força.  
 É o tremor do solo, é o presagio  
 Do grande terremoto!

É o vôo da aza poderosa  
 D'aquella aguia cruenta,  
 Que-vos ha de abater, precipitando-vos  
 Co'a face contra o solo!

É o echo longinquo das revoltas!  
 É o grande rebate!  
 É o seio do povo, que concebe  
 Um feto monstruoso!

É a desillusão! são as escamas  
 Cahindo d'esses olhos,  
 Ao ver ao perto os idolos antigos...  
 E achal-os terra e barro!

É o nascer da esp'rança nesses cerebros,  
 Que nem d'ella sabiam!  
 Modo extranho de olhar o horisonte,  
 Ao ver os astros novos!

É a onda, que sobe dos abysmos  
 E põe á luz a coma...  
 Que abala... mas que vem lavando tudo...  
 E se chama Justiça!

São as vozes, que o ar pavido escuta,  
 Que nunca ouvira d'antes!  
 E aos echos do espaço em vão pergunta  
 De donde aquillo sobe!

É a Revolução! a mão que parte  
 A c'roa e a thiara!  
 É a Luz! a Razão! é a Justiça!  
 E o olho da Verdade!

## IV

Quem foi que disse aos povos estas coisas?  
 Quem foi que disse ao Sêrvo  
 Que Deos, quando o creou, no seu registro  
 Lhe poz o nome de Homem?...

E disse que o viver é lei de todos,  
 E não só de alguns poucos?  
 Para tudo beber, o mar? e a terra  
 Sócco da estatua humana?

Quem é a mão intrepida, que arranca  
 De sobre os olhos d'elles  
 A venda negra, que amarrara, ha sec'los,  
 A mão do sacerdocio?

Quem é que diz ás faces, ha mil annos,  
 Curvadas sobre a terra,  
 —«Erguei-vos para o céo! o céo é vosso!  
 É essa a vossa herdade!»—?

## V

Quem foi? fostes vós mesmos! Impellida  
Por força que não vieis,  
A vossa mesma mão foi escrevendo  
Sua propria sentença!

Trabalhaes! e mal vedes que trabalho!  
Sois as rodas da machina  
Que a si mesmo se está esmigalhando!  
E, Reis e Sacerdotes,

E Levitas do mundo! sois vós mesmos  
Que abris a grande *Porta*,  
Por onde ha de ruir o mundo todo  
No vosso templo egoista,

E deitar, sob o altar, as cruzes todas,  
E beber regalado  
Esse nectar da vida — a Liberdade —  
No vosso calix sancto,



E esmigalhar, com a fronte do levita,  
 A fronte do seu idolo!  
 Vede o que ha de sahir do horrivel choque  
 De sancto contra sancto!

## VI

E sabeis vós por que? Por pouco... apenas,  
 Porque o Deos da historia  
 Traduziu, numa lauda do seu livro,  
 A traducção extranha,

Que diz, em vez de *rei* — lobo e tyranno —  
 E, em vez de *sacerdocio*,  
 — Serpente, que se enrosca ao mundo todo —  
 E, em vez de *rico* — infame —

E ajunctou *senhor* e *escravo*, ambos  
 Nesta palavra — Homem —  
 E *casta* e *privilegio*, traduziu-as  
 Ambas por — Egualdade —

E, em vez de *templo* estreito, poz — espaço  
Immenso e infinito —

E, em vez de *rio*, mar! e, das *migalhas*  
Fez um grande banquete!

E á terra e ao homem, ambos condemnados  
Á fixidez do marmore,  
Deu um sopro gigante, baptizando-os  
Com um nome — Progresso —!

## VII

Por isso os vossos thronos se racharam,  
E as cruzes vão rolando,  
E as libras se derretem como gelo...  
E foi por isto, apenas!

## **A Polónia**

(1864)

Aguia da França! que te vejo agora,  
Como ave da noite, triste e escura!  
Ha pouco ainda a olhar o sol — nesta hora  
Meia offuscada ao resplendor da altura!  
Subindo sem se ver já quasi — outr'ora —  
E — hoje — tombada sobre a rocha dura!  
E quem já teve por seu nome Esp'rança,  
Chamar-se Desalento... Aguia da França!

Irmã! Irmã! Irmã! por ti clamaram  
Desde o desterro os miseros captivos!  
Foi para ti que os olhos levantaram  
Queimados da tortura aos lumes vivos!  
Foi por ti, foi por ti que elles bradaram  
Erguidos do sepulchro e redivivos!  
E tu dormes no ninho da confiança?!  
São irmãos teus! accorda, aguia da França!

Ah! a aguiá-imperial inda tem aza...  
 Mas o que ella não tem já é vontade!  
 Ha ainda algum fogo que a abraza...  
 Mas não é nem amor nem liberdade!  
 Inda tem garra com que impolga e arraza...  
 Mas já não os véos negros da verdade!  
 Porque, abraçando-a, lhe hão roubado a ardencia  
 Dois amigos, o Egoismo e a Prudencia!

Ó Prudentes! não sei se mais me ria,  
 Se mais chore de ver vossa cegueira!  
 Pois vós — cuidando ter a luz do dia  
 Na mão — tendel-a cheia de poeira!  
 Vós chamaes-vos a Ordem, a Harmonia...  
 Mas, *nos fructos*, qualquer vê que a figueira  
 Que, em rebentando o estio, não rebenta  
 É porque apenas sobre a areia assenta!

A areia do Egoismo! E, se a vaidade  
 Vos não cegara, vireis que a semente  
 Que cahe sobre este chão da Liberdade  
 (Em vez de ser perdida inutilmente)  
 Dá, por um grão, milhares. — E, em verdade,  
 Verieis tudo isto simplesmente  
 Se, em vez de ter por lei o *livro escuro*,  
 Só na Justiça lesseis o Futuro!

Sim! o Futuro! Vós olhais a um lado,  
 E a outro lado — e vedes o horisente...  
 Sabeis como passou quanto é passado,  
 E que alicerce teve cada monte...  
 Por vossa mão o mundo está marcado...  
 Cada mar, cada rio, cada fonte...  
 Tudo sabeis — a noite e a manhã —  
 Só vos esquece... o dia de amanhã!

Quando a Aguia da Rússia as duas garras,  
 Cravar no coração á Liberdade —  
 Tapando com o vulto as cinco barras  
 D'esse Volga, chamado Claridade —  
 Quando, emfim, estalar quantas amarras  
 A têm la presa desde a velha idade  
 E, tomando co'a sombra toda a altura,  
 Se estender sobre a Europa a aza escura:

Quando o vento do Norte em nossos prados  
 Tiver levado com os grãos as flores;  
 E, soprando nos ermos despovoados,  
 Semear a seara dos terrores;  
 Quando, emfim, sobre os sulcos arrazados,  
 Dormirem com os bois os lavradores;  
 E só brotar no chão da liberdade  
 — Só — a erva da Russia, a escuridade:

Vós haveis exultar, então, *prudentes*,  
 E, *sabios*, ver o fructo ao vosso ensino!  
 E áquelle velho conto dos dormentes  
 Tirar sua moral... que é o Destino!  
 Então abrindo os olhos, ó *videntes*,  
 Sobre as cabeças heis de ver a pino  
 O cometa dos prosperos futuros...  
 Da negra Rússia sobre os céos escuros!

E, Diplomatas, heis de ler as *notas*  
 Escriptas nas muralhas derrocadas!  
 E das cidades nas bastilhas rotas  
 Heis de ver as *razões* alli gravadas!  
 E haveis de ouvir das boccas mudas, bôtas,  
 A *opinião* extrema das espadas!  
 Lá quando no congresso se assentarem  
 As Potencias da Noite... e concertarem!

Quando um povo se chama, em vez de Gente,  
 Cholera e vento de morte da Siberia;  
 E uma nação é assim coisa impudente  
 Que, em vez da veste virginal, aerea,  
 Só tem andrajos com que aos olhos mente,  
 E é só, no fundo, escravidão, miseria;  
 E em vez de filho amado traz ao peito  
 Um monstro informe de horrído trejeito;

Ó Nações! que dizeis abrir á vida  
 E á luz os olhos livres... ó Nações!  
 Quando é com coisa assim, vil e perdida,  
 Que se vão resgatar as oppressões...  
 Não ha voz de justiça — a mais erguida —  
 Nem tratados, nem notas, nem razões...  
 Ha uma folha só — a da espada —  
 Para o grande tratado — a cutilada —

E vós passaes a mão sobre as escamas  
 Do crocodilo... e credes convertel-o?  
 Credes ligal-o com as finas trãmas  
 Da *palavra*, mãis frageis que um cabello?  
 Ó homens habeis, que fallaes ás chammas,  
 E ao mar bravo co'a voz podeis contel-o,  
 Sois uns grandes apóstolos por certo...  
 Que até andaes prégando no deserto!

Apostolo! mas vede que no mundo  
 Não ha já hoje um só, com este nome,  
 Sem que lhe apaguem com um riso immundo...  
 O nobre fogo em que arde e se consome!  
 Quanto vale a *palavra* neste fundo  
 Poço da Europa de hoje, onde se some  
 A voz mais alta? quanto vale? olhae!  
 Inclino o ouvido... mal escuto um ai!

Apostolo — é a *bombarda da metralha*  
 Estalando as *bastilhas dos tyrannos!*  
 Apostolo — é o *ferro, quando espalha*  
 O *terror sobre os peitos deshumanos!*  
 É o *clarim no meio da batalha*  
 Tocando a *retirada dos enganos!*  
 É a *mão do Destino, que em seus ninhos*  
 Esmaga a *loba velha co'os lobinhos!*

Contra a *Russia — a heresia das nações —*  
 Um *grande e forte apostolo de ferro!*  
 Que vá *direito dentro aos corações*  
 Com *rijo abalo esmigalhar o erro!*  
 Que, em *vez da branda voz das orações,*  
 Pregue a *sua missão com grande berro!*  
 Não *humilde, não doce, como os onze*  
 De *Christo... mas apostolo de bronze!*

Esse, *sim!* que *converta o povo impio*  
 Que ao *Dagon da matança deu seu culto!*  
 Que *lhe faça correr o pranto em fio,*  
 Mas um *pranto de sangue! Um rude insulto,*  
 Não *palavras de amor a esse Gentio!*  
 Um *missionario de tremendo vulto*  
 Que *enfim lhe escreva as lettras da oração*  
 (Mas *com ferro*) no *duro coração!*



Essa é a única voz que se ergue e brada!  
Com que pode prégar-se, a essa descrida  
Raça de Moabitas, a sagrada  
Nova missão de Liberdade e Vida!  
Nações da Europa! é ao canhão e á espada  
A quem deveis dar a *palavra*. Erguida  
Essa voz soará por toda a terra  
A doutrinar um Evangelho — a guerra!

Ah! se ha ainda olhos para verem,  
Em despeito da venda, a luz infinda!  
Se ha ahi corações para se erguerem  
Com o sublime vôo que jámais-finda!  
Se ha mãos ainda ahi para estenderem  
Á luz da gloria um ferro — e se ha ainda  
Povos livres na terra, e sangues novos  
Em livres corações — á guerra, ó Povos!

---



## **À Irlanda**

(1865)

Não! não te hei de esquecer, terra dos bardos,  
Viva gemma do mar, ó ilha verde!  
Teu languido sorriso não se perde...  
E inda és bella entre abrolhos e entre cardos!

Virgem gentil de vaporoso manto!  
Virgem... e, emtanto, mãe e prophetisa!  
Traz-me teus choros a marinha brisa...  
Tambem és infeliz? é teu meu canto!

Ah! se tu has de estar chorosa, Irlanda!  
Se te has de lamentar, pobre captiva!  
Do que foi... mal te resta hoje a alma viva...  
Nesses suspiros que teu seio manda!

Quem te ha de conhecer entre as nações?  
 Entre o rugir do mar os ais se somem...  
 Se inda te lembra acaso um peito de homem  
 É que ouve ao longe o som dos teus grilhões!

Teus Senhores, escrava miseranda,  
 São os nossos tambem... são quasi os nossos...  
 Tambem aos pulsos temos ferros grossos...  
 Mas junctos choraremos, doce Irlanda!

E se o teu véo de esposa está rasgado...  
 E a miseria te guarda a tua porta...  
 E a esp'rança inclina a fronte semi-morta  
 Porque um monstro a seu lar está sentado:

Se o mundo te esqueceu — o mundo ingrato!  
 E não conhece já quem sobre o seio  
 Outr'ora teve, e outr'ora em doce enleio  
 Apertou como noivo amante e grato:

Ha um noivo melhor, virgem que choras!  
 Para as virgens fieis — Deos ha de pôr-te  
 A sua mão... e, então, ao Sul e ao Norte  
 Brilharão tuas faces como auroras!

Hadoistemplosno espaço—um d'elles mais pequeno;  
O outro, que é maior, está por cima d'este;  
Tem por cupula o céu, e tem por candelabros  
A lua ao Occidente e o sol suspenso ao Este.

De sorte que quem stá no templo mais exiguo  
Não pode ver nascer o sol, nem pode ver  
As estrellas no céu—que os tectos e as columnas  
Não o deixam olhar nem a cabeça erguer.

É preciso abalar-lhe os tectos e as columnas  
Por que se possa erguer a fronte até aos céos...  
É preciso partir a Igreja em mil pedaços  
Por que se possa ver em cheio a luz de Deos!

---



# POBRES

---

A João de Deus

## I

Eu quizera saber, ricos, se quando  
Sobre esses montes de oiro estaes subidos,  
Vedes mais perto o céo ou mais um astro  
Vos apparece ou a fronte se vos banha  
Com a luz do luar em mór diluvio?  
Se vos percebe o ouvido as harmonias  
Vagas do espaço, á noite, mais distinctas?  
Se quando andaes subidos nas grandezas  
Sentis as brancas azas de algum anjo  
Dar-vos sombra, ou vos roça pelos labios  
De outro mundo ideal mystico beijo?  
Se, através do *prisma de brilhantes*,

Vedes maior o *Empyreo*, e as grandes palmas  
 Sobre as mãos que as sustem mais luminosas,  
 E as legiões phantasticas mais bellas?  
 E, se quando passaes por entre as glorias,  
 O carro de triumpho de oiro e sandalo,  
 Na carreira que o leva não sei onde  
 Sobre as urzes da terra, borrifadas  
 Com o *orvalho de sangue*, ó homens fortes!  
 Corre mais do que o vôo dos espiritos?

Ah! vós tendes o mundo todo baço...  
 Pallido, estreito e triste... o vosso *prisma*  
 Não é vivo *chrystal*, que o brilho augmenta,  
 É o metal mais denso! e tão escuro  
 Que ainda a luz que vê um pobre cego  
 Luzir-lhe em sua noite, e a phantasia  
 Em mundos ideaes lhe anda accendendo...  
 Esse sol de quem já não espera dia...  
 Ah! vós nem tendes essa luz de cegos!

Que! subir tanto... e estar cheio de frio!  
 Erguer-se... e cada vez trevas maiores!  
 Homens! que *monte* é esse que não deixa  
 Ver a aurora nos céos? qual é a altura  
 Que vela o sol em vez de ir-lhe ao encontro?  
 Que azas são essas, com que andaes voando,



Que só ás nuvens negras vos levantam?  
 Certo que deve ser o vosso *monte*,  
 Algum *poço* bem fundo... ou vossos olhos  
 Têm então bem extranha cataracta!

## II

Ha ás vezes no céo, cahindo a tarde,  
 Certas nuvens que segue o olhar do triste  
 Vagamente a scismar... ha nuvens d'estas  
 Que o vestem de poesia e de esperança,  
 E lhe tiram o frio d'este *inverno*  
 E o enchem de esplendor e magestade...  
 Mais do que as vossas tunicas de purpura!

Eu, ás vezes, no choro das Igrejas,  
 Aonde desce a luz e a alma sobe...  
 E entre as sombras perpassam as saudades...  
 E no *seio de pedra* tem o triste  
 Mil seios maternaes... eu tenho visto  
 Branquejar, pelas naves d'esses choros,  
 Como as nuvens da tarde desmaiadas,  
 Uns brancos véos de linho em fronte bellas  
 De umas pallidas virgens scismadoras,

Que, em verdade, não ha para cobrir-nos  
 A alma de mysterio e de saudade  
 Gaze nenhuma assim! Vede, opulentos,  
 Como o Senhor, com olhar de amor, as veste  
 A ellas, de uma luz de aurora mystica,  
 De poesia, de unccão e mais belleza  
 Que o véo tecido com o *vello de oiro!*

Os vossos cofres têm thesouros, certo,  
 Que um rei os invejara... Mas eu tenho  
 Ás vezes visto o infante, em seio amado  
 De mãe, dormir coberto de um sorriso,  
 Tão guardado do mundo como a perola  
 No fundo do seu golfo... e sei, ó ricos,  
 Que aquelle abrigo aonde a mãe o fecha  
 — Entre braços e seio — é precioso,  
 Cerra um thesouro de mais alto preço  
 Que os thesouros que encerram vossos cofres!

### III

Levitas do MILHÃO! o vosso culto  
 Pode ter brilhos e esplendor e pompas...  
 Arrastar-se nas ruas da cidade

Como um manto de rei... e sob os arcos  
 De marmore passar, como em triumpho...  
 Ter columnas de porfido luzente...  
 E ser o altar do vosso sanctuario  
 Como o templo do Sol... cegar de luzes...  
 O vosso Deos pode ser grande e altivo  
 Como Baal... o Deos que bebe sangue...  
 Mas o que nunca o vosso culto esplendido  
 Ha de ter, como um véo para o sacrario,  
 A velar-lhe mysterios... é a poesia...  
 Esse mimo de amor... esses segredos...  
 A *religião* das lagrimas... o affecto...  
 O ingenuo sorriso da creança...  
 O olhar das mães, espelho de pureza...  
 A flor que medra na soidão das almas...  
 O branco lyrio que, manhã e tarde,  
 Aos pés da Virgem, no oratorio humilde,  
 Rega a donzella em vaso pobresinho!  
 Nunca a vossa cruz-de-oiro ha de dar sombra  
 Como a *outra* do Golgotha, — o allivio,  
 Sombra que buscam almas magoadas —  
 Onde os cytisos pallidos rebentam...  
 Consolações... saudades... e inda esp'ranças...  
  
 Podeis cavar... as minas são bem fundas...  
 Cavae mais fundo ainda...- é já o centro

Da terra, ahi! Mas onde, ó vós, mineiros,  
 Por mais que profundeis não heis de uma hora  
 Chegar jámais... é ao coração...

E, emtanto,  
 É lá a unica mina de oiro puro!

## VI

O coração! Potosi mysterioso!  
 O grande rio de areas auriferos!  
 Que vem de umas nascentes ignoradas  
 Arrastando saphiras em cada onda  
 E depondo no leito finas perolas!

O coração! É ahi, ricos, a mina  
 Unica digna de enterrar-se a vida  
 Cavando sempre alli... sem ver mais nada...

Foi lá, como na areia o diamante,  
 Que Deos deixou cahir da mão paterna  
 As esmeraldas do diadema humano...  
 O Sentimento vivo... a Acção radiante...  
 E a Ideia, o brilhante de mil faces!

Foi lá que esse mineiro dos futuros  
Encobertos andou co'os braços ambos  
Mettidos a buscar — mas quando um dia  
Do fundo as mãos ergueu... o mundo, em pasmo,  
Vio-lhe brilhar nas mãos... o Evangelho!

---



Uns são filhos de Christo, e os outros de Mafoma:  
Uns dão culto a Jehová e os outros a Baal:  
Uns o altar do Real ungem com sangue quente:  
Outros queimam o incenso ás aras do Ideal.

Mas se ha um mesmo céo, que os cobre a todos elles,  
Hão de todos, tambem, achar sua unidade...  
Unidos Mahomet lascivo e o Christo pallido...  
Nem Ideal nem Real, mas — *de ambos* — a Verdade.

---





# FLEBUNT EUNTES

---

Ao Sr. Alexandre Herculano

## I

Tambem sei, tambem sei o que são lagrimas!  
E sei quanto se deve  
Ás cinzas dos Avós, quando as lançamos  
Aos ventos do oceano!

## II

Eu fallo das ruinas do passado,  
E de esp'ranças futuras;  
E meu peito está cheio de desejos  
E aspirações immensas.

E solto o canto, ebrio de esperanças,  
A ver a nova Aurora:  
E ergo a face, e meus olhos são de chamma,  
Por saudar a Justiça!

E ao ver a grande Lei, que vem correndo  
Pela encosta dos tempos,  
Como carro, e esmagando os troncos velhos,  
E deslocando tudo;

Bato as mãos — porque o eixo d'esse carro  
É o braço da Verdade!  
E o motor, que o impelle, é a caldeira  
Gigante do Progresso!

### III

Que muito que me esqueçam as tristezas,  
Os ais dos que atropella  
E esmaga a larga roda portentosa,  
Em seu girar convulso?

Que só veja a victoria, e não os f'ridos?  
A Obra magestosa,  
E não o chão cavado, revolvido,  
Onde tem alicerces?

A pelle que a *serpente* vae largando,  
E não as muitas dores?  
E esses olhos que se abrem á verdade,  
E não os que ella offusca?

E, posto no convés da bella nave,  
Que solta os largos pannos,  
Em demanda de mundos encobertos,  
De mysterioso rumo,

E, mergulhando o olhar nos horisontes,  
Buscando nova America,  
Não ouça os ais saudosos dos que deixam  
A patria, o berço, o ninho?

Nem lembre, agora que a ruina é certa,  
(Revedo já na mente  
Os palacios-de-fadas, que hão de erguer-se  
De sobre esses destroços)

Os corações, que estavam descansados,  
E tinham travesseiro  
E leito, no que vae ser revolvido  
E ser despedaçado?

Os pendões que batiam, tremulando,  
O ar, sobre os Castellos  
Que a Justiça dos tempos vae agora,  
Com mão rude, abalando?

As crenças, que se herdaram? e as bebidas  
Das mães no seio doce?  
Essas louras cabeças, que se beijam  
Em sonho cada noite?

E a cruz, que com seus braços, cada dia,  
Nos mostra a nossa estrada?  
E o altar da nossa fé? e o peito amigo  
Das illusões antigas?

## IV

Tambem sei o que é dor — e como as lagrimas  
    Saheo, arando o peito;  
E o que é inclinar-se um triste, ás tardes, -  
    Sobre gastas ruinas!

E ver os velhos idolos partidos;  
    E os pendões de outro tempo  
Lambendo agora o chão, com o mesmo tope  
    Onde a gloria pousava!

E ver-se só no mundo e como errante...  
    — Crepusculo das almas —  
Perdida a fé antiga, e occulto ainda  
    O Deos e os cultos novos!

E não ter já o leito de ainda hontem...  
    E não saber já agora,  
Do peito do irmão, do pae, do amigo,  
    Que nome agora tenha!

As almas, que como hera se enlaçavam  
 Ao carvalho gigante...  
 As vidas, que eram flores á antiga sombra  
 Nascidas e medradas...

A tristeza do tempo... a dor dos seculos  
 Que vão, como gemidos,  
 Cahindo e arrastando homens e cousas...  
 Não se sabe a que abysmo!

## V

Eu sei quanto se deve ao desamparo,  
 E ás tristezas profundas,  
 E ás saudades, que vêm, como soluços  
 Do fundo da historia!

Se sei o que é Aurora — essa poesia  
 Do que á luz vem nascendo,  
 Tambem entendo o Occaso e as longas sombras...  
 — Poesia de ruinas! —

## VI

Immensa soledade e angustia immensa!  
    Como Sião deserta,  
Como o Povo levado em captiveiro,  
    Como os sós, como o exílio!

Vêde o que foi, e vêde o que é agora!  
    Os Thronos, lyrios bellos  
Nascidos e medrando á sombra vasta  
    Da Egreja—essa araucaria—

E o solo, em volta e ao longe, perfumado  
    Pelos lizes heraldicos  
Donde sahia o aroma grato aos povos...  
    O aroma do Heroismo!

E o Povo—o cannavial humilde e tremulo—  
    Mas bom, porque era amado:  
Porque as lagrimas d'elle eram o balsamo  
    Chamado Sacrificio!

E as crenças, que brotavam aos cárdumes  
 D'esse chão feracissimo,  
 Onde Deos semeava (mão paterna!)  
 A Fé e a Caridade!

O Passado! — Jardim de sombra e aromas!  
 Cota de cavalleiro,  
 E véo de sancta e manto de sacrario!  
 — Mysterio e heroicidade —

O Passado! o Passado! — A não gigante,  
 Firme, mas socegada,  
 Porque o fio de bronze que a ligava  
 Chamava-se Virtude!

## VII

E agora... oh! *agora*... esta palavra chora  
 Nos labios, quando os fere...  
 — Reflexo das grandezas que se somem  
 E echo das saudades! —



O solo social todo alastrado  
     D'estes grandes destroços...  
 Um mysterio tristissimo pairando...  
     — Sombras, entre ruínas —

O Presente disforme e cheio de iras,  
     E tremendo o Futuro...  
 O sol no occaso... os ventos gemedores...  
     E os corações partidos!

## VIII

Quem não te havia amar, Egreja — Virgem,  
     Magdalena do mundo,  
 Bella e serena em meio dos tormentos,  
     Ungindo os pés do Christo?

E quem não ha de — agora — dar-te lagrimas,  
     Ó triste peccadora,  
 Vendo o teu manto de oiro retalhado,  
     E murcha a tua c'roa?

Vendo os teus pés na borda já do abysmo,  
E o hymno, o hymno sancto,  
Feito choro de angustias e gemidos  
E abafados soluços?

E o véo da virgindade agora feito  
E talhado em sudario?  
E a pompa feita agora sahimento?  
E a cruz cheia de lucto?

Se eu não hei de chorar!... Foi em teus braços  
Que dormi, inda infante,  
E, infante, me embalei ao som plangente  
De teus hymnos sagrados!

Tive, criança loura, por brinquedo  
Jasmins da tua c'roa:  
Deram-me sombra aos passos inda tremulos  
Os teus longos cabellos!

E, quando ao seio maternal pendido,  
Uma *Lei* soletrava  
Nos olhos d'ella — eu lia nos seus olhos  
Todo o teu Evangelho!

E, balbuciante ainda, me ensaiava  
 Dizendo uma palavra,  
 Ensinavam-me então os labios d'Ella  
 A tua Ave-Maria!

Oh saudades! saudades! — bem entendo,  
 Ó vós que estaes chorando,  
 O que estaes a chorar — são as saudades  
 D'essa immensa poesia!

Eu, filho de outros céos e de outros cultos,  
 Bem vos entendo o pranto;  
 E alevanto tambem meus olhos, humidos  
 D'esta grande tristeza!

Bem vejo como hão de ir as vossas almas  
 Descendo na corrente,  
 Que a leva a Ella — e à vós vos vae levando  
 Quanto tinheis de sancto!

Choro — se hei de chorar! — porque te vejo  
 Tão só, tão abatida,  
 E, Rachel! ouço a voz que chama os filhos.  
 Mas elles não respondem!

## IX

E vós, Thronos, ó arvores gigantes!  
Dormi, á vossa sombra,  
Das crenças infantis o somno amigo...  
Cobristes-me a innocencia!

Houve um tempo em que o céo d'estes meus olhos  
Era o docel de purpura!  
Em que os brilhantes d'essas c'roas de ouro  
Me pareciam estrellas!

E, agora, vejo as perolas manchadas!  
E está tudo partido!  
E ha uma voz, que brada a tudo isto:  
«Deu a hora; sumi-vos!»

E elles vão — vae-se a arvore gigante...  
Mas as raizes d'ella  
Stavam fundas, e arrancam, levantando-se,  
Corações gotejantes!

Ó corações fieis! filhos da honra!  
 Vestaes do fogo sancto!  
 Eu bem intendo o vosso sacrificio  
 E o vosso desespero!

Porque é triste, bem triste, essa ruina  
 — Ruina de dez seculos —  
 E vós tinheis alli a vossa vida,  
 E todo o vosso sangue!

## X

Paladinos! — espadas de aço buido,  
 Corações de ouro fino! —  
 Que eu vi — em volta de outro Carlos-Magno,  
 Outros Pares-de-França! —

Ó lenda de Belleza e de Heroismo,  
 Onde li, ajoelhado,  
 As chônicas e os feitos de outra idade,  
 E soletrei as Glorias!

Ó valentes! tapae as vossas lagrimas  
Com o punho das espadas!  
Cahi, como se cahe sempre na pugna,  
Dando um sorriso á morte!

Venceu-vos, no *torneio*, espectro extranho!  
Cahi... erguendo os olhos  
Á vossa Dama e ao vosso Deos... beijando,  
A cruz da antiga crença!

Da trompa de marfim, como Rolando,  
Tirae um som... o ultimo...  
Que disperte as saudades d'esses echos,  
No chão de Roncesvalles!

E, agora, acompanhae o sahimento,  
—Vossos velhos amigos—  
Servi de guarda-d'honra, ó Paladinos,  
E de escolta ao Passado!

## XI

Passado!! — Eu sei dar pranto a estas tristezas,  
 A estes restos saudosos  
 Do mundo velho — Vós, que estaes chorando,  
 São bellas essas dores!

Porque vós por altar, e fé, e crença,  
 E sangue, e vida, e tudo...  
 Tinheis tudo nos olhos d'esse *enfermo*...  
 E elle está condemnado!

## XII

Nós damos á saudade o que é do tempo...  
 E ás cinzas esfriadas  
 Dos Avós damos honra e sahimento...  
 — O funeral das lagrimas! —

Depois, *avante!* Os astros não se extinguem!  
Ha céos e espaços novos!  
Enterre-se o Passado com piedade...  
Mas o olhar... no Futuro!

## XIII

Se já desaba o tecto das Igrejas  
E o docel d'esses Thronos,  
É porque um outro céu maior nos cubra...  
O céu da Liberdade!

---



## NOTA

Este livro é uma tentativa, em muitos pontos imperfeita, seguramente, mas sempre sincera, para dar á poesia contemporanea a cor-moral, a feição espiritual da sociedade moderna, fazendo-a assim corresponder á alta missão que foi sempre a da Poesia em todos os tempos, no Rigg-Védá ou nos Lusíadas, em Tyrtheu como em Rouget de L'Isle — isto é, a forma mais pura d'aquellas partes soberanas da alma collectiva de uma epocha, a *crença é a aspiração*. — Partindo d'este principio — a Poesia é a confissão sincera do pensamento mais intimo de uma edade — o auctor, na rectidão imparcial da sua logica, havia de necessariamente concluir com esta outra affirmação — *a Poesia moderna é a voz da Revolução* — porque Revolução é o nome que o sacerdote da historia, o tempo, deixou cahir sobre a fronte fatidica do nosso seculo. Como do seu Deos dizia o apostolo antigo, *in eo vivimus et sumus*, podemos nós com mais razão ainda affirmar do grande espirito de revolta da nossa edade —

nelle e por elle é que somos, por elle e nelle é que vivemos.— O ar que a nossa sociedade respira, a atmosphera turva e agitada, mas vivificante, em que vai penetrando dia a dia, não é já composta, não, de boas e pacificas crenças velhas, de resignação, de obediencia, de fé sublime... e cega. Outro é o ar! abrem-se os olhos para ler ás contradicções dos sanctos, dos venerandos, dos excellentes livros antigos. Estendem-se as mãos para palpar, sob os vestidos de brocado dos bons idolos d'outrora, o páo de que eram feitos... e o ferro tambem muitas vezes. A quem ha dois seculos fizesse, a metade que fosse, d'isto tudo, inforcavam-n'o sete vezes os Reis, como a réo de lesa-majestade, e os Padres, como a impio e sacrilego, queimavam-n'o sete vezes setenta vezes. Nós hoje fazemos tudo isto, e preparamos nossos filhos para poderem fazer o dobro ou triplo dentro em alguns annos — e temos a modesta humildade de recusar o nome de *revolucionarios!* e não queremos que nos chamem *revolucionarios!*

Isto é pasmoso — e pasmosamente curioso! Os nossos Ministros d'Estado fazem e dizem coisas por que ainda ha cincoenta annos seriam generosamente premiados com as masmorras ou a força. Os nossos Professores ensinam á mocidade as mais audaciosas maximas de livre-exame o independencia, o que lhes valeria no seculo passado uma boa e bem atcada fogueira, convenientemente adornada de cruces, imagens e outros symbolos de tolerancia clerical. Os nossos Jornalistas, esses espantariam Danton e Desmoulins, se Desmoulins e Danton podessem gozar a inestimavel vantagem de ouvir estes mancebos dissertando sobre os *direitos da palavra* e a *omnipotencia da opinião...*

O Estado, a Igreja, o Ensino, a Família, a Arte, a Propriedade, tudo isto exhala hoje um fortum sulfuroso e infernal de heresia e revolução que suffoca — mas tudo isto cora virginalmente de pejo, geme e se afflige com a injustiça, se o não cõparam pelo menos com os tempos scraphicos de Gregorio VII e de Carlos-Magno!

Que provam todas estas contradicções, esta hypocrisia do tempo, este machiavelismo inconsciente da nossa sociedade, senão o triumpho da Revolução que domina, penetra, arrasta os seus proprios inimigos e até lhes fornece as mesmas armas com que cuidam feril-a de morte nos seus combates grutescos de pigmeus? Prova uma outra coisa ainda, e mais grave, e tristissima, porque envolve uma ruina moral. É a desorganisação, o esphacelamento espiritual de uma classe que foi grande e viva emquanto soube conservar dentro em si a fé e o calor das ideias revolucionarias e que, em menos de cincoenta annos, jaz cahida por toda a parte, vacillando á mercê de todos os ventos; e, ahi mesmo onde ainda triumphou, perdeu a coragem, a intelligencia, a consciencia do tempo, de si e da situação actual da sociedade. Descreu das ideias que a fizeram grande e forte; atraçou a causa por que fora heroica e nobre: e para logo o espirito de vida abandonou e a onda sancta, retirando-se, lhe deixou nua a sua praia. Eil-a ahi está agora, sem abrigo entre as tormentas do passado e as do futuro, sem coragem em face dos inimigos que surgem de cada lado, e — o que peor é — sem intelligencia, sem dignidade, ignorante e corrupta. Não ha já mão que a possa salvar. O seu nome é *contradicção*. Contradicção de origens e de tendencias. Contradicção do

desejos e de condições. Contradição de palavras e de obras. Crê-se reaccionaria, é-o pela vontade, mas, sem o querer, estorcendo-se a cada passo, as suas acções são revolucionarias! Com os olhos no passado, caminhando como quem recua, é ella todavia quem abre as estradas por onde a sociedade, que em vão tenta suster, se ha de precipitar para o mundo desconhecido do futuro. A sua cobardia actual, a sua ambição egoista, a sua corrupta avareza, para tudo dizer, fazem d'ella uma coisa fatalmente em opposição com as suas origens, com a situação que ella mesma criou, com as grandes tradições, emfim, de um passado de hontem e que já hoje a afflige como um remorso. Metade do corpo quer ir, forceja, precipita-se: mas a outra metade, como sob a influencia de um sortilegio mortal, recusa-se ao menor movimento. São as forças contradictorias, desencadeadas pela doença final, que se combatem já sobre esse miseravel corpo votado á morte! D'ahi a cegueira, a banalidade, o medo, a dilaceração interior que caracterisam hoje a Classe-media — a sua condemnação.

*Quos Deus perdere vult prius demētat.*

Que os meus quasi-patricios de Portugal se não aterrem! Todas estas coisas anarchicas estão a cincoenta e a cem leguas das nossas terras patriarchaes e a mil ou duas mil das nossas não menos patriarchaes intelligencias. Sobre outros tectos, sobre outras searas pairam as nuvens minacissimas da proxima tormenta! A terra emudece, o ar solta suspiros mysteriosos com o presentimento da tempestade que se avizinha! Mas sob os nossos tectos reina o contentamento dos simples: e, se as nossas searas nos não

recusam o pão-quotidiano dos crentes, que nos fazem a nós revoluções, democracias, progresso e leis da historia? O progresso e a historia são alguma coisa de turvo, de vertiginoso, de incomprehensível. Para vivermos livres dos solavancos horriveis do torvelinho social resolvemos nós o problema de um modo todo nosso e a que, ao menos, se não negará originalidade — viver fóra da historia e do progresso. Era para nós que, ha já trezentos annos, Sancho Pança inventava os seus proverbios.

.....

Entretanto o tempo segue impassivel o seu caminho e arrasta-nos a todos com as nossas illusões ou as nossas evidencias, com as esperanças, as conjecturas e os desejos, que são as boias com que nos seguramos sobre o mar fundo e escuro que nos levanta e vai arrebatando. Lá se verá então, no termo fatal d'essa onda mysteriosa, lá se verá de que banda estavam a razão, a franqueza e a coragem, e de que banda a ignorancia, a má-fé e a cobardia. Lá se erguerá uma grande voz, dura e amarga para certos ouvidos, chamando a todos, cada um pelo seu nome, para as recompensas e para as punições...

Todavia a velha sociedade desconjuncta-se e, pelas fendas da jangada rota, já se vê claramente a cor da onda que a mina por de baixo e a gasta como um corrosivo violento. Essa cor é negra — mas não é cor de morte. É cor de vida, pelo contrario. De vida, para quem pelo coração sabe apreciar o valor d'esta palavra Liberdade; para quem mede pela altura de um desejo humano a grandeza da divida de ventura que os homens têm direito de exigir ao mundo; para quem, enfim, não comprehende amor de

Deos e amor do Proximo imposto, escravo, fatal... como se o amor pudesse sér, em vez de espontaneidade e livre attracção, odio e servidão.— Para os outros todos será cor de morte: mas não serão já mortos esses taes desde a hora primeira do nascimento?

Fallemos dos vivos. Os vivos não são os que levantam ruidosamente o pó d'essas estradas sob as rodas de seus carros opulentos. Não são tambem os que fallam alto e se apresentam ante os olhos sensuaes da turba involtos nas dobras enganosas do manto de lantejoulas das phrases vagas mas brilhantes com que se captam os sentidos de quem não tem razão nem sentimento. Não são ainda os sabios, prophetisando do centro de suas nebulosas, lançando, em meio das nuvens da palavra, os oraculos de uma sciencia sem fé e sem alma, vendida aos factos, á espera sempre dos acontecimentos para se inspirar d'elles na composição artificial de systemas, que o Mundo aceita porque o absolvem, mas que rejeita a Razão porque não são livres. Os vivos, emfim, não são os que mais o parecem; os ruidosos, os activos, que já de longe se vêem e ouvem; como em tempo de epidemia não está a saude no homem que anda, gesticula e corre, encobrando sob a agitação febril o veneno do mal que em breve o fará cahir extenuado. Tudo isso que por ahi tumultua, freme e enche o ar de ruidos, obedece á excitação da febre precursora da morte. A vida não é o movimento desordenado: e nos gestos d'elles não ha harmonia nem ordem. Tudo isso é o gozo e a materia: mas a vida é a consciencia e o espirito.

Espirito e consciencia! eis ahi o nome do futuro. Ao presente (chame-se elle embora Igreja ou Estado, Ensino

ou Direito, Propriedade ou Industria) ao presente cabem-lhe seguramente os epithetos de grande, ruidoso, imponente e ainda talvez de seguro. Ah! porque não havia elle tambem de merecer o nome de consciencioso e espirital? Poupar-se-iam assim á historia algumas e bem amargas tristezas que já lhe estão imminentes! Mas não podia ser. Não se serve bem a Cesar e a Christo ao mesmo tempo. Ao pobre, ao desherdado dos bens do mundo, que lhe deixaria então a Justiça eterna, se até os bens da alma podessem ser feudo exclusivo de ingratos oppressores? se até a flor da verdade, chamada espirito, podesse tambem servir para adornar a coroa usurpada de embusteiros e tyrannos? Orphãos, abandonados no grande deserto social, ficou-lhes ao lado, só e invisivel, mas eterna e irresistivel, a Justiça de uma causa que ha de triumphar porque é a causa da razão e da verdade.

É nestes que reside a Consciencia. É nestes que habita o Espirito. Escuros sim e confusos (porque de proposito lhes fazem a noite em volta) mas lá estão, no fundo, bem no fundo do coração dos opprimidos, esses brilhantes de inestimavel preço, que o futuro ha de pulir para a coroa imperial da rainha que se espera, a Liberdade dos Povos! E se o povo parece ignorar, na sua miseria extrema, o thesouro que tem dentro; se descrê e — embrutecido Esaú — está a ponto de vender esse morgado de Deos pelo prato de lentilhas que ironicamente lhe offerece um irmão barbaro e avarento — não se jubilem excessivamente com isso os Jacobs das cortes, das sachristias e dos parlamentos! O contracto odioso não se passa hoje, como outr'ora, em pleno deserto arabico, aonde a unica testemunha que

podia intervir, Jehovah, tinha o natural embaraço de ser cego e surdo. Hoje Jehovah deixou emfim as alturas e habita modestamente entre os homens, transformado em alguns centenaes de pequenos deoses bastantemente satisfactorios, que vêem e ouvem melhor do que se fossem deoses grandes. São esses que andam a préggar ao povo o que o grande antecessor d'elles, o defuncto Senhor dos Exercitos, não consentio jamais que Moysés revelasse aos filhos de Israel — o direito do homem em face do seu semelhante: o direito do homem em face da Natureza: o direito do homem em face de Deos. — São esses a quem pertence o futuro — porque o numero d'elles augmenta dia a dia — porque do céo, que elles promettem, todos podem ver a escada, solidamente construida de razão e de justiça — porque fallam aos pobres, porque os chamam a si; e os pobres quem os contar no mundo ha de achal-os tão numerosos como as lagrimas que os ricos têm feito chorar — porque, emfim, um instincto secreto adverte a todos de que a verdade está na palavra d'aquelles homens, para cujo triumpho conspiram ainda os seus mais ferozes inimigos. Estes é que são os apóstolos de um Evangelho tão grande que pode conter no seio todos quantos têm préggado ao norte e ao sul, os Christos de todas as raças e de todas as cores. Estes são, finalmente, a Igreja militante da Revolução e, como a Igreja antiga dos Confessores, os unicos vivos no meio da multidão innumeravel dos que existem. O ponto-são, o ponto sensível do corpo tão doente da nossa sociedade é aquelle e aquelle só, porque o resto, inerte e adormecido; só accorda um momento para uma vida ficticia com a excitação galvanica, artificial do prazer



ou da ambição. A consciencia do homem, a independencia do espirito, a sanctidade do direito, isso é o que menos importa a essa turba de especuladores que, desde a Praça do Commercio até aos Parlamantos e aos Senados, se revolve vertiginosamente no chão da patria, como vermes sobre um cadaver, alimentando de putrefacção uma vida votada a uma impureza incuravel. No meio d'isto, o que haahi já de humano, de animado, de vital, senão o instincto ardente, o sentimento profundo da dignidade espirital que, reagindo contra tantas miserias, dá por alvo aos desejos dos homens a maxima liberdade moral, a independencia da alma, a sua emancipação do jugo dos Dogmas enganosos — em Politica comó em Religião, na Ecônomia como na Moral?

Reconstrucção do mundo humano sobre as bases eternas da Justiça, da Razão e da Verdade, com exclusão dos Reis e dos Governos tyrannicos, dos Deoses e das Religiões inuteis e illusorias (\*) — é este o mais alto desejo,

(\*) *Atheismo social — anarchia individual* — é a formula precisa e clara das escholas mais avançadas de França e Allemanha. E escusado citar: *Proudhon*; a Justiça na Revolução e na Igreja; o Principio Federativo; Creação da ordem na humanidade; a revolução social e o golpe d'Estado; etc., etc. *Quinet*; Genio das Religiões; Christianismo e Revolução Franceza; etc., etc. *Renan*; Estudos Religiosos; Ensaios de Critica. *Michelet*; o Povo; a Reforma; a Renascença; Biblia da Humanidade; etc. *Dolfuss*; Cartas Philosophicas; Revelação e Reveladores; etc. *Taine*; Criticas. *Litttré*; Palavras de Philosophia positiva; Conservação, Revolução e Positivismo; etc.— e os allemães. *H. Heine*; da Allemanha; Lutece; a França. *B. Bauer*; Criticas. *Feuerbach*; a Religião; Essencia do Christianismo. *Dr. Buchner*; Força e Materia.

a aspiração mais sancta d'esta sociedade tumultuosa que uma força irresistivel vae arrastando, ainda contra vontade, em demanda do mysterio tremendo do seu futuro.

Esta voz, se é a mais alta, deve tambem ser a mais poetica. A poesia que quizer corresponder ao sentir mais fundo do seu tempo, hoje, tem forçosamente de ser uma poesia revolucionaria. Que importa que a palavra não pareça *poetica* ás vestaes litterarias do culto da *arte pela arte*? No ruido espantoso do desabar dos Imperios e das Religiões ha ainda uma harmonia grave e profunda para quem a escutar com a alma penetrada do terror sancto d'este mysterio que é o destino das Sociedades!

Está dada a razão d'este livro.

Coimbra — Julho de 1865.





